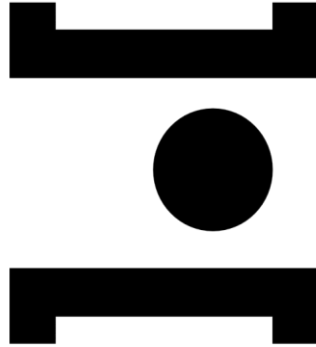


INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM
Escola Superior de Educação de Santarém



**POLITÉCNICO
DE SANTARÉM**

Brincar ao ar livre em educação de infância. Efeitos do Covid-19.

Relatório de Estágio

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Margarida Isabel Catita Coelho

Orientação:

Professora Doutora Helena Maria Ferreira Moreno Luís

Dezembro, 2022

Agradecimentos

Gostaria de agradecer em primeiro lugar à Professora Doutora Helena Luís por toda a sua disponibilidade, ajuda e dedicação na orientação deste Relatório Final e ao longo de todo o meu percurso académico que eu levarei como exemplo a seguir.

A todo o corpo docente da Escola Superior de Educação de Santarém por me terem transmitido toda a sabedoria e conhecimento para que eu possa crescer a nível profissional.

Aos meus avós Fernanda; Caetano; Fernanda e António por estarem presentes todos os dias da minha vida e por me terem criado os quatro como filha, sem a vossa ajuda eu não teria conseguido chegar onde estou hoje.

Aos meus pais por me terem ajudado nesta etapa da minha vida, sem eles não teria conseguido tirar um curso superior e não conseguia ter a experiência de estagiar em São Tomé e Príncipe. Ao meu pai por ter feito tudo por mim com dedicação amor e carinho, e me ter ajudado e guiado ao longo destes anos, o meu companheiro de aventuras que nunca me deixou ficar mal e sempre me apoiou em todas as decisões que tomei. À minha mãe por me ter permitido tomar decisões difíceis e me ter deixado voar quando precisei e pelo amor e carinho.

Ao meu namorado por ser uma pessoa maravilhosa e de um coração do tamanho do mundo, pela paciência que tem comigo, pelo ombro amigo que tem quando não estou bem, por saber ouvir e por demonstrar todos os dias positividade, amor e carinho.

À minha prima Sara por estar sempre presente e ter sido uma irmã mais velha para mim, vou guardar sempre os conselhos que me deu e a ajuda.

A toda a minha família que esteve presente tios; primos; padrinhos; avós velhotes o meu obrigado por tudo.

Resumo

O presente estudo de investigação surge no âmbito da unidade curricular de Investigação da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém. Este relatório investigativo decorreu durante três estágios sendo um em contexto de Creche e dois em contexto de Jardim de Infância. Neste estudo investigativo, pretendeu-se estudar os benefícios de brincar ao ar livre bem como o impacto que a pandemia de Covid-19 causou na vida das crianças durante as suas brincadeiras ao ar livre.

Este estudo encontra-se dividido em quatro capítulos, sendo que o primeiro é sobre a Iniciação da Prática profissional dos três estágios. O segundo capítulo é o enquadramento teórico, que nos diz sobre o que é o brincar ao ar livre; qual a importância do brincar ao ar livre no desenvolvimento e aprendizagens da criança; qual o papel do adulto como promotor do brincar ao ar livre e o impacto do Covid-19 no brincar ao ar livre na criança em contexto de jardim de infância. O terceiro capítulo descreve a componente investigativa, sendo apresentados os objetivos; a metodologia; os métodos e procedimentos para a recolha de dados; a revisão da literatura; notas de campo e a discussão dos resultados. No quarto e último capítulo são as considerações finais que inclui a conclusão e a reflexão final.

No que diz respeito à componente investigativa foi realizado uma revisão da literatura com o intuito de saber e compreender quais os benefícios que o brincar ao ar livre em contacto com a natureza. Esta revisão da literatura foi realizada com base em relatórios de estágio com componente investigativa e artigos científicos disponíveis em repositório aberto. Ainda na componente investigativa, foram analisadas notas de campo com três situações observadas e vividas no decorrer dos estágios, de forma a compreender de que forma o Covid-19 teve impacto no brincar ao ar livre, no contexto de jardim de infância.

Palavras-chave: Brincar; Covid-19; Bem-Estar; Natureza; Educação de Infância.

Abstract

This research study is part of the curricular unit of Investigation of the Supervised Teaching Practice of the Master's Degree in Pre-School Education and Teaching at the Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém. This investigative report took place during three stages, one in the context of Day Care and two in the context of Kindergarten. In this investigative study, we intended to study the benefits of playing outdoors as well as the impact that the Covid-19 pandemic has had on children's lives during their outdoor play.

This study is divided into four chapters, the first of which is about the Initiation of Professional Practice of the three stages. The second chapter is the theoretical framework, which tells us what outdoor play is about; what is the importance of playing outdoors in the child's development and learning; what is the role of adults as a promoter of outdoor play and the impact of Covid-19 on outdoor play. The third chapter describes the investigative component, presenting the objectives; the methodology; methods and procedures for data collection; the literature review; field notes and discussion of results. In the fourth and last chapter are the final considerations that include the conclusion and the final reflection.

With regard to the investigative component, a literature review was carried out in order to know and understand the benefits of playing outdoors in contact with nature. This literature review was carried out based on internship reports with an investigative component and scientific articles available in an open repository. Also in the investigative component, field notes were analyzed with three situations observed and experienced during the internships, in order to understand how Covid-19 had an impact on outdoor play, in the context of kindergarten.

Key Words: Play; Covid-19; well-being; Nature; Childhood Education.

Índice

Introdução	1
Capitulo I- Iniciação da Prática profissional	2
1. Contexto educativo- Valencia Creche	2
1.1 A instituição	2
1.2 Caracterização do grupo	2
1.3 Projeto Educativo	3
1.4 Reflexão sobre o brincar ao ar livre em contexto de creche	5
2. Contexto Educativo – Valência Jardim de Infância	6
2.1 Caracterização da Instituição	6
2.2 Caracterização do grupo	7
2.3 Projeto Educativo	8
2.5 Reflexão sobre o brincar ao ar livre no contexto de jardim de infância	10
3 Contexto educativo - Valencia Jardim de Infância	11
3.1 Caracterização da Instituição	11
3.2 Caracterização do grupo	12
3.3 Projeto Educativo	13
3.4 Reflexão de observação sobre o brincar ao ar livre em contexto de estágios e semana internacional	17
Capitulo II – Componente Investigativa	22
Objetivos	22
Metodologia	22
1. Investigação Qualitativa	23
2. Procedimentos para a Recolha e tratamento de Informação	23
a) Observação	24
b) Notas de Campo e Registo Multimédia	24
3. Revisão da Literatura	25
Brincar ao ar livre	25
A importância do brincar ao ar livre no desenvolvimento e aprendizagens da criança	26
O papel do adulto como promotor do brincar ao ar livre	27
O impacto do Covid-19 no brincar ao ar livre	28
3.1 Métodos e procedimentos da revisão da literatura:	29
3.1.1 Seleção das fontes de pesquisa	29
3.1.2 Análise de conteúdo dos artigos	33

3.1.3 Síntese e discussão dos resultados da revisão da literatura	36
4. A experiência das crianças num Jardim de infância da rede pública- Situções em que o Covid-19 condicionou o brincar livre das crianças.....	38
4.1- “Sentimos falta de brincar na rua”	38
4.2- “Divisão de espaços”	38
4.3 “Corrida atrás do Covid”	40
5.Discussão de resultados	41
Capítulo III- Conclusão e considerações finais.....	43
Referencias bibliográficas	47
Legislação	49

Índice de Imagens

Imagem 1: Brincadeiras no exterior.....	11
Imagem 2: Atividades ao ar livre jardim de infância.....	19
Imagem 3: Atividades para crianças em Mechelen	21
Imagem 4: Atividades no interior	38

Índice de Tabelas

Tabela 1:Defenição de termos de pesquisa/Palavras-chave.....	29
Tabela 2: Identificação dos artigos.....	33

Índice de Figuras

Figura 1: Processo de seleção e triagem de artigos.....	30
Figura 2 Gráfico de categorias	34
Figura 3: Diálogo entre estagiária, crianças e Professora	39
Figura 4: Diálogo entre crianças e auxiliar	40
Figura 5: Diálogo entre criança e auxiliar	40

Glossário

OCEPE- Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar

EAPI- Educação e Acolhimento na Primeira Infância

APEI- Associação de Profissionais de Educação de Infância

Introdução

A concretização desta investigação, intitulada “Brincar ao ar livre em educação de infância. Efeitos do COVID-19.” foi concebida durante o percurso do Mestrado em Educação Pré-Escolar Investigação na Prática de Ensino Supervisionada. Através dos três estágios, a observação e intervenção foram importantes para definir os objetivos que são compreender a importância e os benefícios de brincar ao ar livre na Natureza e o impacto houve em relação à pandemia de COVID-19. Para a concretização deste estudo realizei uma revisão da literatura acerca do tema, bem como uma análise dos registos dos três estágios através das notas de campo.

Este tema surgiu, por eu ter uma relação muito especial com o espaço exterior, pois sempre que me lembro da minha infância era os momentos em que brincava no exterior que me vêm à memória. Sempre gostei de estar na presença de crianças pois considero que nos ensinam muito, e no decorrer do meu percurso académico tive experiências magníficas e todas elas no exterior também. Infelizmente tenho vindo a notar que as crianças brincam menos ao ar livre hoje em dia do que quando eu era criança, desta forma decidi realizar esta investigação para perceber mais especificamente, o que aconteceu para haver estas alterações no após da pandemia devida ao COVID-19

Atualmente, as crianças passam menos tempo a brincar ao ar livre e em contacto com a natureza. É alarmante que as crianças de hoje tenham pouca conexão com o meio natural, tendo assim menos ocasiões para explorar livremente o mesmo. O espaço exterior proporciona à criança inúmeras possibilidades de aprender com o mundo que a rodeia, numa experiência rica que corresponde com as suas necessidades. Através das observações e experiências vividas durante o meu percurso académico recolhi o máximo de informação possível acerca do tema da investigação através das notas de campo e registo fotográfico e cruzei os dados com uma revisão da literatura de vários autores.

Capítulo I- Iniciação da Prática profissional

1. Contexto educativo- Valencia Creche

1.1 A instituição

O meu primeiro estágio situou-se em Santarém, numa creche que foi inaugurada a 17 de setembro de 1998, recebe crianças entre os 3 e os 36 meses de idade. No âmbito do trabalho pedagógico e educativo, tem por base a metodologia High-Scope. De acordo como entendimento de Gomes (2014, p.57) “O modelo High-Scope é uma abordagem aberta de teorias do desenvolvimento e práticas educativas que se baseia no desenvolvimento natural da criança. e desenvolvimento e práticas educacionais. É um enfoque educativo orientado para o desenvolvimento da criança e da sua aprendizagem, integrando as perspetivas intelectual, social e emocional.”

Ainda sobre o modelo High-Scope, Hohmann e Weikart (2004) acrescentam que as interações positivas entre os adultos e as crianças são importantes para uma aprendizagem pela ação.

A nível de profissionais foi composto por três Educadoras de Infância e cinco auxiliares de ação educativa. Segundo o que consta no projeto que foi facultado pela coordenadora, os objetivos desta instituição são: assegurar os cuidados essenciais à criança no que diz respeito à alimentação e higiene; acompanhar o pleno desenvolvimento da criança, em colaboração estreita com a família, promovendo um ambiente que permita o seu desenvolvimento pessoal e social, no respeito pelas suas características individuais; colaborar no despiste precoce de qualquer inadaptação ou deficiência, assegurando o encaminhamento adequado.

No que diz respeito à organização da instituição esta é composta por o refeitório; a copa; a sala polivalente; sala de berçário; sala de estímulo; sala de 1 ano; sala de 2 anos; sala familiar; instalações sanitárias; sala pessoal; zona dos cabides; sala dos arrumos e o gabinete do diretor.

1.2 Caracterização do grupo

A sala de um ano era composta por um grupo de 11 crianças, sendo 4 de sexo masculino e 7 do sexo feminino.

Este meu estágio em contexto de creche iniciou-se com alguns receios, pois foi o primeiro grupo que tive com crianças de 1 ano de idade. De início pensava que não estaria tão à vontade, devido à situação do Covid-19. Um dos meus receios seria as crianças não me aceitarem tão bem, pois era uma pessoa nova ali e com máscara, o que não aconteceu.

A sala de 1 ano tinha um grupo de crianças que gostavam muito de explorar e de tocar em tudo o que é objetos. Eram crianças curiosas e meigas, tanto umas como as outras como com os adultos. Eram muito preocupados uns com os outros, se algum chorava os colegas iam logo tentar ajudar. Quando era a altura de levantar da sesta e começávamos a calçá-los, eles tentavam entreajudar-se. Respeitavam os limites que a educadora lhes impunha, como por exemplo não abrir as portas dos armários dos materiais e só poderem retirar uma caixa de brinquedos à escolha deles, sendo que por vezes resistiam em aceder aos pedidos da educadora e procuravam impor a vontade própria querendo afirmar a sua autonomia como será característica desta etapa do desenvolvimento. Pude observar que estas crianças tinham gosto por brincar livremente e de ouvir histórias.

Alguns estavam no processo e transição das fraldas para o bacio e por vezes choravam porque não queriam ir para o bacio. Várias vezes pude observar a sensibilidade da educadora no que diz respeito às necessidades de cada criança, observei ainda que era bastante atenta, pois conseguiu detetar que uma criança da sala não respondia aos estímulos e resolveu falar com os pais da criança de forma delicada para conseguirem perceber o que se passava. Mais tarde os pais informaram a educadora que efetivamente a criança tinha um problema de audição diagnosticado pelos profissionais de saúde.

1.3 Projeto Educativo

O projeto educativo da creche designava-se por “O mundo aos nossos olhos”, este projeto pretendeu que no dia-a-dia da creche e nas atividades desenvolvidas estivesse presente uma aprendizagem ativa e que favorecesse a autonomia das crianças, sendo essa a intencionalidade. Para este projeto se concretizar foi necessário que o ambiente educativo, os espaços, os materiais e a arrumação da própria sala, respondessem as necessidades dos grupos em questão e que estivessem igualmente pensados para a criança explorar e se expressar livremente.

O papel das famílias foi também importante, pelo que existiu uma real colaboração entre adultos, que não se esgotou nas atividades pontuais e de carácter extra-escolar, mas que se consubstanciava numa intensa atividade de co-responsabilização e de coordenação educativa. Por último, o espaço fundamental do meio (Comunidade) envolvente, que se caracterizou por ser um espaço constante de colaboração e partilha, com vista à criação de efetivas redes de parceria que objetivassem um desenvolvimento sustentado do espaço de implantação da Escola e da Comunidade Escolar.

Durante o estágio para que existisse coerência com o projeto educativo da creche e do projeto que desenvolvi neste contexto fui observando que no momento de brincadeira livre a educadora disponibilizava para todas as crianças apenas uma caixa com o mesmo tipo de recurso por exemplo só carrinhos. A educadora teve esta iniciativa pelo facto de se ter de desinfetar todos os dias devido ao Covid-19. No entanto observei que algumas crianças brincavam, mas outras rapidamente se desinteressavam, isto por não terem outro tipo de brinquedos disponíveis não tendo assim outra alternativa possível, pois os outros brinquedos estavam arrumados ou a desinfetar para o dia seguinte. Desta forma parece-me que o uso de uma caixa com o mesmo tipo de recurso pode fazer com que as crianças não tenham acesso à liberdade de escolha para brincarem com diferentes tipos de brinquedos durante o dia, tudo isto devido ao COVID 19. Perante esta situação pensei em criar atividades com as crianças que satisfizesse estes aspetos e as crianças tivessem mais opção de escolha, para isso decidi criar um projeto intitulado de “Caixa Mágica”, esta caixa continham brinquedos, livros e atividades que as crianças construíram e que quisessem incluir para brincarem durante o dia. Segundo Maria Teresa de Matos (2008) para realizar um projeto já temos de ter definido o que queremos fazer no futuro, e delinear o percurso desde os meios e os fins para alcançar o objetivo.

Através desta questão das caixas com o mesmo tipo de brinquedos, os livros rasgados e o facto de eles gostarem muito de tocar em tudo, eu achei que seria interessante durante o estágio fazer diferentes atividades com as crianças. No âmbito da prevenção infeção por Covid-19 foi desenhado o projeto onde houve uma conversa para saber quais os brinquedos que elas gostariam de ver dentro da caixa para além das seguintes atividades: construção de um livro com diferentes texturas em cada página, sacos sensoriais, um jogo de correspondência com caixas de ovos e paus de gelado, um trabalho manual e pintura e colagem, e uma atividade onde levei vários materiais, desde paus, arroz, gelatina, gelo e pompons.

A partir destas atividades, foi projetado realizar com as crianças a construção da caixa para colocar todas essas atividades, para que deste modo tivessem maior diversidade de escolha para brincarem. Apenas consegui concluir parcialmente, porque houve um novo confinamento, desta forma não pude concluir o projeto. Deste modo e após a realização das atividades possíveis de realizar, considero que a atividade mais bem conseguida foi a do livro de texturas, pois consegui cativar a atenção das crianças que sentadas no tapete mostravam interesse no livro e esperam pacientemente pelo seu momento de tocar nas páginas do livro que continham diferentes texturas que imitavam elementos sobre o inverno. Deste projeto a atividade que realizei que foi menos bem conseguida foi a pintura com os dedos, pois como era uma atividade em que o foco era um de cada vez, não conseguir ter controlo no restante grupo e existiu alguma confusão na sala, desta forma aprendi através da experiência e dos conselhos que a educadora me sugeriu.

1.4 Reflexão sobre o brincar ao ar livre em contexto de creche

No que pude observar, a instituição detinha um espaço exterior pequeno vedado onde as crianças podiam brincar, nesse espaço não havia terra, apenas pequenos canteiros com vegetação o resto era forrado com chão de borracha, existia um escorrega e um baloiço. Quando questioneei a educadora sobre quando é que as crianças brincavam no espaço exterior, a mesma disse que devido ao Covid-19 a instituição optou por as crianças apenas brincarem no espaço interior. Enquanto brincavam dentro da sala, muitas vezes observei que as crianças estavam na janela a olhar para o exterior e apontavam para o que se passava na rua, ou um pássaro que passava, ou pessoas a conversar. Fiquei com a sensação de que sentiam falta de brincar e estar no espaço exterior.

Um dos momentos que mais me marcou neste estágio foi uma atividade que consistia em pintar com diferentes materiais, a educadora passou-me a palavras para explicar às crianças o que iríamos fazer. Começámos a preparar a atividade colocando os resguardos em cima da mesa, o prato a tinta e a folha. Quando fui abrir a tinta para por no prato, apertei uma vez e não saiu nada pensando que a tinta estava seca, apertei a segunda vez com um pouco mais de força e houve uma “explosão” de tinta, mas pensei que tivesse ido só para o prato como vi um pouco de tinta. Quando olho para o lado vi, as crianças todas pintadas de azul pareciam uns pequenos “smurfs”, eu fiquei um pouco embaraçada e pedi muita desculpa á educadora, ela sorriu e disse que não

fazia mal pois os acidentes acontecem. As crianças adoraram a situação pois começaram a olhar uns para os outros todos sujos e riram-se à gargalhada, inclusive uma criança foi logo buscar as toalhetas veio e deu-mas, pois tinha noção que as toalhetas serviam para limpar. A educadora explicou-me que aqueles frascos trazem duas tampas uma delas na parte de dentro.

Se tivesse realizado hoje o estágio neste contexto, e com a informação que já temos sobre o Covid-19, teria sugerido à educadora realizar atividades do meu projeto de intervenção no exterior, pois acredito que as crianças iriam ter um estímulo diferente no que diz respeito às sensações e texturas.

2. Contexto Educativo – Valência Jardim de Infância

2.1 Caracterização da Instituição

O estágio em Jardim de Infância realizou-se na cidade de Santarém. A escola pertence à rede pública do Ministério da Educação e insere-se num agrupamento de escolas da cidade. De acordo com o Projeto Educativo do Agrupamento, o Jardim de Infância acolhe crianças dos três anos aos seis anos de idade, de meios socioeconómicos e culturais diversos. É constituída por duas salas de Jardim de Infância. A instituição funciona das 8:30h às 17:30h, sendo que a componente letiva ocorre das 9:00h às 12:30h e das 14:00h às 15:30h.

Após o horário letivo, encontra-se o funcionamento da componente de Atividades extracurriculares. Esta instituição localiza-se num edifício um pouco antigo, composto por um bloco, existindo no seu interior diferentes espaços, particularmente: duas salas de Jardim de Infância, uma sala polivalente (acolhimento/refeições/atividades diversas), uma sala multiusos (sala de contingência), uma sala de professores, sala de Ajudantes de Ação Educativa, cozinha, casas de banho, dispensas, sala de recurso e espaço exterior sendo que a ligação entre espaços, é efetuada pelo hall de entrada onde se encontram os cabides destinados a cada criança e os placares onde são afixados alguns trabalhos realizados pelos mesmos. Todos os acessos do Jardim de Infância são acessíveis, e de fácil localização, estando sempre bem identificados.

Relativamente ao espaço exterior, este encontrava-se dividido em dois, pois, devido ao momento pandémico que o país atravessou, a instituição optou por dividi-lo, sendo este alternado de dois em dois dias pelas duas salas. Estes espaços eram agradáveis e organizados de forma a que as crianças pudessem brincar livremente,

andar de triciclo, correr, subir árvores, escavar buracos na terra, andar nos baloiços e uma caixa de areia, consideramos importante, pois de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, “o espaço exterior é um local privilegiado para atividades de iniciativa das crianças para brincar, têm a possibilidade de desenvolver diversas formas de interação social e de contacto e exploração de materiais naturais...” (OCEPE, 2016, p. 27).

2.2 Caracterização do grupo

O grupo de crianças com quem foi realizado o estágio foi constituído por dezanove crianças, sendo dez do sexo masculino e nove do sexo feminino. Tinham idades compreendidas entre os três anos e os sete anos de idade com nacionalidade portuguesa (exceto duas crianças brasileiras). É uma mais-valia para as crianças estarem inseridas num grupo multietário, visto que, “a criança pode aceder mais rapidamente a um nível de realização superior com a ajuda da cooperação ou em contacto com colegas mais desenvolvidos.” Vygotsky (1991 citado por Lopes & Silva, 2008, p.12). Ao existir grupos com crianças com várias idades permite que uns influenciem os outros. Este é um processo que contribuiu para a aprendizagem de todos, visto que, têm a oportunidade de explicar as suas ideias e escolhas. Era um grupo bastante dinâmico e ativo, muito interessado e empenhado nas atividades propostas; era notório a entajuda existente entre os mais velhos para com os mais novos. Todas as crianças mostraram uma grande integração na instituição, prevendo pequenos detalhes das rotinas diárias.

Há diferentes fatores que influenciam o modo próprio de funcionamento de um grupo, tais como as características individuais das crianças que o compõem, o maior ou menor número de crianças de cada sexo, a diversidade de idades ou a dimensão do grupo. (OCEPE, 2016, p.24) A Educadora procurava desenvolver uma pedagogia ativa, participativa e diferenciada e, por isso, cada criança participava na construção e na dinâmica do grupo. A distribuição de tarefas necessárias à vida coletiva (quadros de presenças, de atividades, do tempo, o responsável de sala), a negociação de regras e normas da vida de grupo, tal como situações que promovessem o conhecimento e respeito pelo outro foram aspetos que revelaram a existência de uma prática

democrática. Fomenta-se o trabalho em pequeno e grande grupo como facilitador da construção social, cognitiva, verbal e simbólica. O trabalho dual – educadora/criança era também evidenciado. O planejamento e a avaliação eram realizados também com as crianças para uma participação com agência, contribuindo todos na construção do processo educativo.

Relativamente ao comportamento, as crianças no geral relacionavam-se bem, não existindo grandes conflitos dentro e fora da sala. As crianças eram recetivas a estratégias lúdicas, mostrando interesse nas atividades propostas, mantendo um bom relacionamento com todos os adultos da instituição. No entanto, pude ainda observar, que existiam algumas crianças que precisavam de acompanhamento mais individualizado, havendo uma professora de educação especial que se deslocava duas vezes por semana à escola para acompanhá-los, pois embora a vontade que têm de aprender possuíam algumas dificuldades na realização das tarefas, uma vez que se desconcentravam com muita facilidade. É de salientar também, que este grupo tinha uma grande receção a atividades no domínio da educação artística, as crianças mais velhas demonstravam competências no jogo dramático/teatro, inventando e organizando pequenas peças de teatro.

2.3 Projeto Educativo

A Instituição tem como objetivo formar cidadãos aptos e produtivos, capazes de optar pela progressão de estudos ou pela integração na vida ativa, por terem frequentado uma Escola onde se aprende a Aprender, a Fazer, a Estar e a Ser, através do Saber. Para tal a Instituição promove a cooperação e o trabalho de qualidade, cuidadoso, rigoroso e sério, oferece respostas socioeducativas adequadas, promove ações e atividades que desenvolvam o gosto pelas ciências, pela arte, literatura, desporto, consciência ambiental. Desenvolve competências para o futuro do aluno no perseguimento de estudos bem como na inserção no mercado de trabalho.

De acordo com o que consta no projeto que foi facultado pela coordenadora, este agrupamento pretende ser uma Escola da vanguarda e referencia, com imagem dignificada e divulgada, na qual se desenvolve em literacias e inteligências diversas, bem como múltiplas competências, princípios e valores.

Para a execução do projeto desenvolvido neste contexto, considerámos o projeto de grupo, as conversas informais com a educadora cooperante, que nos indicou algumas propostas, reforçando o currículo emergente, e por último a nossa observação do grupo tendo em conta as conceções que tínhamos acerca das experiências que as crianças da presente faixa etária devem ter, experiências essas que passavam pelo desenvolvimento e estimulação das capacidades motoras, afetivas e cognitivas.

Ao longo destes momentos foi visível que a educadora se guiava muito pela pedagogia em participação e como referem Formosinho & Oliveira-Formosinho (2008, cit. por Formosinho & Oliveira-Formosinho, 2011, p.104), a Pedagogia em Participação trata-se essencialmente, da criação de ambientes pedagógicos em que as interações e as relações sustentam atividades e projetos, que permitem à criança e ao grupo, em conjunto, construir a sua própria aprendizagem. Juntando este primeiro ponto, metodologia de projeto e a observação durante as duas semanas de estágio, onde destacámos a curiosidade e a satisfação das crianças quando as mesmas tinham contacto com novas experiências e/ ou materiais, bem como o contacto com o espaço exterior desta forma, surgiu o tema do nosso projeto “O que queres descobrir...”. Pretendíamos com este tema explorar com as nossas crianças várias áreas partindo sempre dos seus interesses através de jogos lúdicos; leitura de histórias; manipulação de materiais;(expressão plástica) pequenas experiências, bem como o contacto com diversos tipos de arte.

Pretendíamos desenvolver com este projeto a curiosidade; o pensamento crítico; a experiência de vida democrática; o sentido de responsabilidade; a autonomia; a noção de sucesso e o direito pela diferença. A atividade do cavalo foi uma atividade que as crianças adoraram realizar porque foi algo que realizámos desde início e as crianças entreajudaram-se e posteriormente exploraram livremente o brincar no recreio, que foi maravilhoso de se ver, porque durante esse dia após a sua construção brincaram sempre com o cavalo e no dia seguinte fizemos uma corrida em que todos participaram ao mesmo tempo. Outra atividade que gostaram bastante foi a de fazerem o cartaz do filme favorito e enfeitarem a moldura, as crianças perguntaram o que era um cartaz e eu respondi que um cartaz é um papel que é colocado nos cinemas para que todas as pessoas possam ver e que a sua função é mostrar informação acerca de algo neste caso seria sobre o filme preferido de cada um, pintaram com aquarelas e de seguida enfeitaram a moldura livremente.

Consegui perceber que a atividade que menos bem correu foi a do teatro, eu li a história dos seis ratos e um ouriço caixeiro e de seguida propus às crianças a realização

do teatro, só que não correspondeu às minhas perspetivas porque como a história não tinha falas, apenas tinha ação foi difícil para as crianças de representar, embora tivessem tido muito gosto em participar, a educadora disse para eu não me preocupar e sugeriu que quando eu faça atividades do género a história tem que ter falas para ser mais fácil das crianças representarem, e eu agradei e realmente faz todo o sentido.

A avaliação de todo o projeto foi realizada através de registos fotográficos, registos audiovisuais, observação direta e as próprias produções das crianças. Para além disso, recorremos à escala de desenvolvimento e bem-estar.

2.5 Reflexão sobre o brincar ao ar livre no contexto de jardim de infância

Do que observei, consertei que as crianças gostavam de brincar ao ar livre, queriam correr e estar em contacto com a natureza, deu-me imenso prazer ver isso. No primeiro dia observei que duas crianças estavam a trepar uma árvore, fui logo a correr e pedi para terem cuidado, mas, entretanto, a educadora tranquilizou-me dizendo que eles estavam habituados. Gostei imenso de ver, pois quando eu andava na escola fazia o mesmo e adorava. Uma das coisas que me fascinou na educadora, foi o facto de eles serem livres para brincarem como quiserem, houve uma atividade em que a educadora lhes deu mantas térmicas prateadas para eles brincarem ao faz-de-conta, uns fingiram ser super-heróis, outros eram sereias, mas depois lembraram-se e quiseram montar um cinema com as mantas.

Durante a minha observação apercebi-me que algumas crianças enquanto brincavam na terra tiravam meias e sapatos, considerei um momento engraçado pelo facto de estarem felizes e no fim os pés ficam sujos, e eles acharam graça. Outro momento de observação, foi quando a educadora levou as crianças para ir apanhar a espiga na floresta, este foi um excelente momento de observação pois para além de apanharem a espiga as crianças subiram e desceram uma barreira de terra que havia, outro momento satisfatório para estas crianças, pois estavam muito felizes e sujas. No recreio as crianças gostavam muito de dramatizar situações como por exemplo teatros, confeção de “comida”, fazer lama, subir às árvores etc... As crianças brincavam muito em grupo onde era possível observar valores de partilha entre elas, entreajuda e amizade.

Momentos depois em reflexão, percebi que as crianças precisam de um brincar arriscado para poderem aprender e saberem até que ponto podem arriscar na brincadeira sem se magoarem a eles e os outros a seu redor, mas para isto acontecer têm de fazer as suas experiências. Conforme Little e Wyver (2008) dizem que o brincar arriscado oferece momentos de desafio, testando assim limites e, conseqüentemente, proporciona aprendizagem sobre riscos. Quando os observava a brincar na terra descalços refleti também sobre o assunto e via que eles tinham mesmo necessidade de

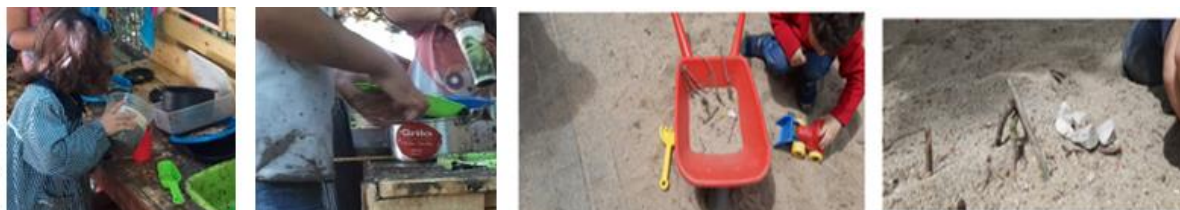


Imagem 1: Brincadeiras no exterior

tirar os sapatos e as meias para sentirem os grãos de areia entre os dedos, para fazer as suas experiências, pois tentavam apanhar a terra com os pés como se fossem mãos. Posteriormente alguns agarravam em pás e enxiavam as meias com a terra e depois faziam daquilo um saco, colocavam as costas e iam encher os carrinhos, é engraçado tentarmos saber o que é que eles pesam através destas descobertas e brincadeiras, porque vê-se que eles têm gosto e não veem mal em se sujar, pois é sinal que se divertiram.

3 Contexto educativo - Valencia Jardim de Infância

3.1 Caracterização da Instituição

O 2º estágio em Jardim de Infância realizou-se no concelho de Santarém. A escola pertence à rede pública do Ministério da Educação e insere-se num agrupamento de escolas da cidade. De acordo com o Projeto Educativo do Agrupamento, o Jardim de Infância acolhe crianças dos três anos aos seis anos de idade, de meios socioeconómicos e culturais diversos. É constituída por uma sala de Jardim de Infância. A instituição funciona das 8:30h às 17:30h, sendo que a componente letiva ocorre das 9:00h ao 12:00h e das 13:15h às 15:15h.

Após o horário letivo, encontra-se o funcionamento da componente de Atividades de Animação e Apoio à família (AAAF), como por exemplo música; dança e steam. Esta instituição localiza-se num edifício mais recente, composto por um bloco, existindo no seu interior diferentes espaços, particularmente: uma sala de Jardim de Infância, um hall de entrada de acolhimento, uma sala multiusos (sala de contingência), uma sala de professores, sala de Ajudantes de Ação Educativa, sala de refeição, cozinha, casas de banho, dispensa, e espaço exterior. A receção das crianças é efetuada pelo hall de entrada onde se encontram os cabides destinados a cada criança e os placares onde são afixados alguns trabalhos realizados pelos mesmos. Todos os acessos do Jardim de Infância são acessíveis, e de fácil localização, estando sempre bem identificados.

No que diz respeito ao espaço exterior, embora fosse reduzido continha um baloiço, uma caixa de areia, um cesto de basketball, um mini palco e um banco (ambos feitos de paletes) e diversos objetos de brincar. De acordo com Tovey (2007) quando as crianças brincam ao ar livre em contacto com a natureza, surgem novas oportunidades de exploração que enriquecem esse ato.

A instituição contava ainda, com o trabalho de duas Educadoras de Infância, sendo que a educadora cooperante assegurava quatro dias da semana, sucedendo o outro dia assegurado por uma educadora de forma a garantir a redução de horário da educadora cooperante. O jardim de infância, contava ainda com quatro Ajudantes de Ação Educativa que entrelaçavam entre o jardim de infância e o 1ºciclo, uma Ajudante de Cozinha, e ainda a colaboração das estagiárias vindas da parceria existente com a Escola Superior de Educação de Santarém. A educadora planificava atividades e uma vez por semana aferia as atividades realizadas.

3.2 Caracterização do grupo

O grupo de crianças com quem foi realizado o estágio era constituído por dezanove crianças, sendo sete do sexo masculino e doze do sexo feminino. Tinham idades compreendidas entre os três anos e os seis anos de idade com nacionalidade portuguesa.

Ao existir grupos com crianças de várias idades permite que uns influenciem os outros, “a criança pode aceder mais rapidamente a um nível de realização superior com a ajuda da cooperação ou em contacto com colegas mais desenvolvidos.” Vygotsky

(1991 citado por Lopes & Silva, 2008, p.12) Este é um processo que contribuiu para a aprendizagem de todos, visto que, têm a oportunidade de explicar as suas ideias e escolhas. Era um grupo bastante dinâmico e ativo, muito interessado e empenhado nas atividades propostas; era notório a entreaajuda existente entre os mais velhos para com os mais novos. Todas as crianças mostraram uma grande integração na instituição, prevendo pequenos detalhes das rotinas diárias.

Há diferentes fatores que influenciam o modo próprio de funcionamento de um grupo, tais como as características individuais das crianças que o compõem, o maior ou menor número de crianças de cada sexo, a diversidade de idades ou a dimensão do grupo. (OCEPE, 2016, p.24) A Educadora procurou desenvolver uma pedagogia ativa, participativa e diferenciada e, por isso, cada criança participava na construção e na dinâmica do grupo. A distribuição de tarefas necessárias à vida coletiva (quadros de presenças, de atividades, do tempo, o responsável de sala), a negociação de regras e normas da vida de grupo, tal como situações que promovessem o conhecimento e respeito pelo outro foram aspetos que revelaram a existência de uma prática democrática. Fomentou-se o trabalho em pequeno e grande grupo como facilitador da construção social, cognitiva, verbal e simbólica. O trabalho dual – educadora/criança é também evidenciado. O planeamento e a avaliação foram realizados também com as crianças para uma participação com agência, contribuindo todos na construção do processo educativo.

Relativamente ao comportamento, as crianças no geral relacionavam-se bem, não existindo grandes conflitos dentro e fora da sala. As crianças eram recetivas a estratégias lúdicas, mostrando interesse nas atividades propostas, mantendo um bom relacionamento com todos os adultos da instituição. No entanto, pudemos ainda observar, que existiam duas crianças que precisam de acompanhamento mais individualizado, havendo uma professora de educação especial que se desloca uma vez por semana à escola para acompanhá-las, pois possuíam algumas dificuldades na realização das tarefas, uma vez que se desconcentravam com muita facilidade.

3.3 Projeto Educativo

Tendo em conta a caracterização do grupo e do contexto educativo, foram definidos os seguintes objetivos: -Consolidar um ambiente de bem-estar que permita às crianças sentirem-se felizes e em segurança; -Desenvolver um currículo transversal e globalizante, que articule as três áreas de conteúdo (OCEPE), por forma a promover o

processo de desenvolvimento/aprendizagem das crianças; -Promover o desenvolvimento e inclusão das crianças com Medidas de Apoio à Aprendizagem e Inclusão; - Promover o desenvolvimento e aperfeiçoamento da língua materna; - Alargar o universo sociocultural das crianças; - Estimular o conhecimento e o desejo de participação no meio envolvente, natural e social; - Promover a educação para a cidadania, a educação ambiental, a educação para a segurança e saúde, a educação para as artes e para a cultura; - Fomentar o desenvolvimento de competências de literacia em domínios variados (linguística, cultural, científica, artística, tecnologia); - Promover a articulação com o 1º ciclo, a continuidade educativa e a transição para a escolaridade obrigatória; - Estabelecer uma relação de complementaridade e parceria com as famílias; - Promover a relação jardim de infância/ comunidade; - Sensibilizar a comunidade a “cultura da infância” e consolidar o respeito pelos direitos das crianças.

Para concretizar os objetivos propostos, foram implementadas as seguintes estratégias metodológicas: - Escutar e dar voz às crianças por forma a perceber os seus interesses e necessidades, - Valorizar as vivências e saberes das crianças e introduzir novos desafios que alarguem o seu campo experiencial e criativo; -Estimular a confiança, a autoestima, a responsabilidade, a capacidade de iniciativa e o desejo de participação; -Incentivar a aprendizagem da vida democrática, fomentando o debate, o consenso, a capacidade de escolha, a noção de direitos e deveres e o sentido de cooperação; - Incentivar o desenvolvimento de atitudes de aceitação da diferença, igualdade de género, solidariedade e o respeito pelo outro; - Valorizar o brincar e o lúdico, como estratégia privilegiada para promover a aprendizagem; - Organizar o espaço, materiais, tempo e relações interpessoais, por forma a criar ambientes de qualidade que suscitem o interesse das crianças e promovam oportunidades de descobertas e aprendizagem;

- Incentivar a construção de projetos de trabalhos individuais e de grupo, por forma a que as crianças vão gradualmente interiorizando a metodologia de trabalho de projeto; - Fomentar o gosto pela leitura, pela utilização de livros e envolver as famílias neste processo; - Incentivar a educação artística e facilitar o contato com diferente forma de arte; - Implicar as crianças no processo de planificação e avaliação das atividades; - Implementar formas de documentação pedagógica que evidenciem o percurso educativo de cada criança. - Realizar um trabalho de observação, registo e avaliação continua por forma a adequar a intervenção pedagógica e detetar eventuais necessidades de despiste de problemas/deficiências; - Implementar estratégias de diferenciação pedagógica para promover o desenvolvimento e inclusão das crianças que usufruem de Medidas de Apoio à Aprendizagem e Inclusão; - Realizar

projetos/atividades conjuntas com o 1º ciclo, valorizando a articulação curricular e interação entre as crianças/aluno;

- Manter um clima de comunicação entre os profissionais educativos (pessoal docente e não docente do núcleo escolar), por forma a assegurar a concordâncias nas linhas de atuação pedagógica (trabalho de equipa);

- Rentabilizar recursos da comunidade para enriquecer o trabalho curricular e o jardim de infância;

- Dar visibilidade ao trabalho curricular desenvolvido, através de diversas formas de divulgação.

É nossa intenção desenvolver uma intervenção estratégica que inclua os diferentes intervenientes no processo educativo, construindo laços de cooperação e parceria, por forma a concretizar as melhores condições para a educação das crianças.

Para a execução do projeto desenvolvido em contexto educativo, considerámos o projeto de grupo, as conversas informais com a educadora cooperante, que nos indicou algumas propostas, e por último a nossa observação do grupo tendo em conta as conceções que temos acerca das experiências que as crianças da presente faixa etária devem ter, experiências essas que passam pelo desenvolvimento e estimulação das capacidades motoras, afetivas e cognitivas.

Ao longo destes momentos percebemos que a educadora se guiava muito pela pedagogia em participação e como referem Formosinho & Oliveira-Formosinho (2008, cit. por Formosinho & Oliveira-Formosinho, 2011, p.104), “a Pedagogia em Participação trata-se essencialmente, da criação de ambientes pedagógicos em que as interações e as relações sustentam atividades, que permitem à criança e ao grupo, em conjunto, construir a sua própria aprendizagem”.

Outro aspeto relevante para o nosso projeto foi a época festiva pela qual passámos, o Natal, tema este incontornável numa sala com crianças desta idade, pois, segundo a educadora as crianças há já algum tempo que falavam sobre ele.

Juntando este primeiro ponto, metodologia de projeto e a observação durante as duas semanas de estágio, onde se destacava a curiosidade e a satisfação das crianças quando as mesmas tinham contacto com novas experiências e/ ou materiais, bem como o contacto com o espaço exterior desta forma, surgiu o tema do nosso projeto “Mãos pequenas mudam o mundo...”. Com este projeto pretendemos que a criança adquirisse um espírito crítico, interiorizando valores morais e cívicos de forma a se tornar um cidadão consciente, feliz e solidário mostrando que a cidadania se aprende todos os

dias. Pretendemos também despertar a consciência das crianças de que todos os cidadãos são agentes transformadores e precisam de fazer a sua parte.

Tema transversal: Solidariedade; Partilha e Cooperação

Áreas de conteúdo:

- Área de Formação Pessoal e Social;
- Área de Expressão e Comunicação;
- Área de Conhecimento do Mundo.

Pretendemos ainda realçar que a escola é um espaço importante para a aprendizagem e desenvolvimento da criança, logo, é responsável por parte da construção da sua identidade, conseqüentemente, é formadora de indivíduos sociais. Por isso, ações para estimular a cidadania na escola devem começar cedo. É na escola que a criança aprende não só Português, Matemática e Ciências, mas também um conjunto de valores que lhes servirão no seu dia-a-dia para crescerem como pessoas solidárias, críticas e democráticas.

Pretendemos desenvolver principalmente com este projeto a solidariedade, mas também a curiosidade; o pensamento crítico; a experiência de vida democrática; o sentido de responsabilidade; a autonomia; a noção de sucesso e o direito pela diferença.

As crianças gostaram muito da atividade do estendal de Inverno, em que eu levei a roupa dentro de uma mala, e no recreio no exterior, fizemos um estendal, então cada um pendurou uma peça, achei muito engraçado, porque passou a avó de uma criança e disse “Boa filha, estende a roupa para ajudares a avó.” De forma a dar importância à amizade, porque de vez em quando havia alguns desentendimentos com a partilha de brinquedos, fizemos o jarro da amizade, em que cada um desenhou um momento especial que tiveram com os amigos. A atividade que não decorreu segundo as minhas expectativas foi a do arbusto, como quis deixar um pouco de nós com eles, levei um arbusto para eles plantarem e cuidarem, foi uma atividade que tive alguma dificuldade em manter o grupo organizado, porque como foi no espaço exterior, começaram a dispersar

A avaliação de todo o projeto foi realizada através de registos fotográficos, registos audiovisuais, observação direta e as próprias produções das crianças. Para além disso, recorreremos à escala de desenvolvimento e bem-estar.

3.4 Reflexão de observação sobre o brincar ao ar livre em contexto de estágios e semana internacional

Após a realização dos três estágios, e a participação na 4ª semana internacional do projeto Hanging out pude observar várias maneiras de brincar ao ar livre. O projeto Hanging out é um projeto que investiga diversas possibilidades de se utilizar vários espaços exteriores de forma a lidar com os desafios. Neste projeto participaram vários países como: Bélgica, Portugal, Lituânia, Dinamarca e Reino Unido, em conjunto querem proporcionar confiança e ferramentas de apoio para que alunos, pais e profissionais de EAPI possam explorar e criar novas formas diferentes de práticas educativas ao ar livre. Este projeto contempla quatro objetivos:

- *O desenvolvimento e profissionalização dos educadores em EAPI dentro da rede transnacional, reforçando assim a confiança dos professores e adultos responsáveis nas atividades ao ar livre.*
- *Melhorar a qualidade da EAPI através da implementação e reconhecimento de pedagogias inovadoras na educação ao ar livre.*
- *Descobrir as oportunidades de diferentes ambientes ao ar livre (das ruas da cidade a paisagens mentais e de florestas a fábricas e terrenos escolares), reconhecendo a grande variedade de contextos locais, culturais e ecológicos experimentando práticas educacionais concretas.*
- *Instalar uma cultura de cooperação e cocriação entre os diferentes parceiros e intervenientes na educação e cuidados infantis; aprofundamento sobre o contexto educacional de cada país (cuidado e educação, educação formal e informal, diferentes etapas da educação, ...).*

Do que tenho vindo a observar, é universal que as crianças adoram brincar no espaço exterior. É muito interessante ver os diversos tipos de brincadeiras que as crianças têm, bem como os seus interesses coletivos e individuais.

O meu primeiro estágio foi em contexto de creche, neste estágio não consegui intervir até ao final pois tivemos de ir de quarentena, mas do que tive oportunidade de observar as crianças não utilizavam o espaço exterior, pois foi muito no início da pandemia e as educadoras optaram por não utilizar o espaço exterior, desta forma, as crianças ficavam sempre dentro da sala. Como ficavam sempre da sala e o número de brinquedos era limitado mesmo dentro da sala, observei que algumas crianças

brincavam, mas outras rapidamente se desinteressavam, não tendo outra alternativa possível. O que levou a que as crianças se aborrecessem mais facilmente.

Durante a semana internacional, aprendi o quão importante é o brincar ao ar livre, o grupo da Dinamarca apresentou-nos vídeos das suas crianças a brincar na floresta livremente sem intervenção do adulto, e é incrível ver a capacidade de ajuda das crianças e as formas que arranjam para ultrapassar as dificuldades. Através desse vídeo podemos ver que uma criança tenta ajudar outra a subir uma barreira de terra, primeiro deu-lhe a mão, mas não a conseguiu puxar, de seguida deu-lhe o pé, mas sem sucesso, de seguida agarrou-se a uma árvore e deu-lhe a mão, desta forma já a conseguiu puxar. Após o visionamento do vídeo, em conjunto com o meu grupo de trabalho, achámos interessante a colocação de flash-cards no local do espaço exterior, pois se naquele local existisse flash-cards com a representação de algumas soluções, teria sido mais fácil ultrapassar a dificuldade.

Durante o segundo estágio em Jardim de Infância esta semana, pude observar que este grupo de crianças tem prazer em brincar ao ar livre. De acordo com Post e Hohmann (2011, p.161) dizem que o recreio no exterior continua a ser um momento de exploração e de brincadeira do ambiente interior. Quando realizei a atividade da corrida de cavalos estavam todos muito envolvidos porque era uma atividade que todos participaram ao mesmo tempo, no fim da atividade ter terminado continuaram a brincar livremente com os cavalos, algumas crianças corriam com eles outras brincavam em pequenos grupos imitando o som do cavalo. Nos pequenos grupos que fizemos, alguns organizavam corridas de cavalos e outros faziam de conta que estavam numa quinta.

Havia uma criança em particular que normalmente não gostava de participar nas atividades, mas como esta foi realizada ao ar livre teve interesse em participar. Outra atividade também ela realizada ao ar livre, foi a pintura da caixa, nesta atividade as crianças já participaram de forma diferente, porque foi realizada no momento da tarde, então as crianças já estavam na rua a brincar, notei que quando cheguei com a caixa e as pinturas à rua, nem todos quiseram realizar a atividade de imediato, pois tinham a necessidade de continuar as suas brincadeiras. Desta forma as crianças que queriam pintar vieram de imediato ter comigo e começaram a pintar, as restantes crianças preferiram continuar na brincadeira livre e está tudo bem porque eu percebi que necessitavam daquele tempo para elas. Quando já não queriam brincar vieram ter comigo e pintaram o resto da caixa, a atividade de pintar a cara foi feita ao ar livre também mas pedi ajuda à minha colega e como todos queriam quem estava a observar

os colegas a serem pintados iam comentado que os amigos estavam bonitos e quais cores queriam que fossem pintados.

Na semana internacional, tivemos a oportunidade de visitar um jardim de infância, em que o recreio era um sonho, pois tinha um barco real de pescadores, um tubo grande de cimento que fazia de túnel e por cima tinha terra, fazendo uma ponte. Existe muitas árvores baixas para as crianças treparem, tem também um hotel para insetos. Todo o recreio foi feito com ajuda da comunidade do bairro, incluindo os pais e vizinhos. Foi muito bom observar as crianças a brincarem livremente com diversas opções que tinham ao ar livre. Foi-nos possível visitar também vários parques infantis, estes eram muito limpos e organizados.

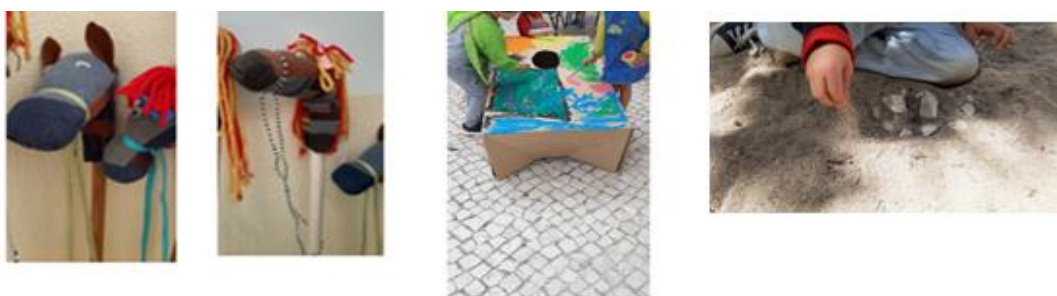


Imagem 2: Atividades ao ar livre jardim de infância

No terceiro estágio em jardim de infância, observei que as crianças gostavam muito de brincar ao ar livre, mas o espaço exterior era bastante reduzido em comparação ao dos outros estágios que realizei. As crianças têm um escorrega; uma caixa de areia grande; um cesto de basketball; uma casinha; um mini palco; um banco (ambos feitos com paletes); bicicletas e vários objetos (pás; bolas; baldes; bonecos...). Logo no primeiro dia enquanto as crianças estavam a brincar no recreio, quisera fazer jogos de roda e incluir-nos (estagiárias), achei muito engraçado porque normalmente do que tenho observado as crianças raramente incluem os adultos nas brincadeiras. Durante as semanas tenho procurado estar atenta às suas brincadeiras ao ar livre sem intervir, “o espaço exterior é um local privilegiado para atividades de iniciativa das crianças para brincar, têm a possibilidade de desenvolver diversas formas de interação social e de contacto e exploração de materiais naturais...” (OCEPE, 2016, p. 27).

Num dos momentos de brincadeira ao ar livre, fiquei surpresa quando vejo duas crianças a brincar ao Covid-19, sendo que uma delas estava triste porque tinha medo

que o mesmo a “apanhasse”. Pude observar que se um adulto perguntar se pode brincar, eles ficam envergonhados e vão brincar para outro lado, mas se forem eles a pedir ao adulto para brincar já aceitam bem, por exemplo a semana que passou, um grupo de meninas perguntou-me se eu queria brincar aos pais e às mães, eu respondi que sim e deixei elas escolherem o meu papel, e pela lógica delas como eu era mais velha era a tia porque, pois, o papel da mãe e o do bebé é o mais concorrido. Segundo Gaspar (2010), diz-nos que o educador deve de participar nas ações das crianças, sendo guiado pelas mesmas, pois quando lhes dá essa chance de puxarem pela imaginação, sentem maior envolvimento e interesse pelas brincadeiras. Ao início, estavam um pouco com vergonha, mas depois fui estimulando a conversa deixando sempre que as crianças guiassem a brincadeira que perderam a vergonha. Durante as brincadeiras, “para que as crianças aceitem os adultos no seu brincar, precisam de ser desenvolvidos relacionamentos baseados em mútua confiança e respeito” (Abbott, 2006, p.105).

Houve uma atividade que me marcou particularmente, pois fiz uma carta que tinha sido escrita pelo pai natal, e que dizia que no natal passado, o trenó dele tinha perdido a magia do natal, e que o tinha trazido para as crianças o voltarem a enfeitar. Entretanto fui buscar o trenó e quando as crianças o viram, ficaram tão felizes que começaram aos pulos e a gritar, aí confesso que tive um pouco de dificuldade em controlar o grupo. No fim de enfeitarem o trenó, tive o auxílio da educadora, para fazermos desfile com o trenó em que duas crianças eram as renas e duas eram pais natal, depois trocavam. Foi uma atividade muito gira e divertida, em que as crianças foram solidárias com o pai natal por o terem ajudado a este ano distribuir as prendas a todas as crianças.

Quando pensei nesta atividade, pensei em conciliar com o meu trabalho de final, pois as crianças eram livres de brincar com o trenó no espaço exterior. Este trenó proporcionou um momento muito feliz, pois tínhamos duas crianças na sala com o espectro do autismo e não interagiam muito com as outras crianças, e nesta atividade toda a gente ficou muito admirada porque criam ir sentadas no trenó e queriam que os colegas as puxassem, ficaram tão contentes que se riram às gargalhadas, neste momento auxiliares e educadora ficaram tão contentes com este momento que o quiseram captar em fotografia e vídeo para mostrar aos pais.

A semana internacional do Hanging Out foi muito gratificante e motivadora, pois aprendi que o brincar e fazer atividades ao ar livre não é só na natureza, também podemos fazer atividades na cidade, meio rural, floresta, praia, etc... Achei bastante interessante, o facto da cidade de Mechelen ser uma cidade muito interativa para as crianças, pois por toda a cidade existem pinturas de animação que contam uma história. Existe também paragens de autocarro escolar só para as crianças, bem como uma quinta pedagógica gratuita com animais e uma arvore que quando as crianças se sentem preparadas, podem pendurar as suas chupetas. Por vezes sair da zona de conforto é importante para adquirir novo conhecimento, e do que pude observar, embora já tenhamos escolas ao ar livre ainda temos um longo caminho a percorrer.



Imagem 3: Atividades para crianças em Mechelen

Gostaria de fazer a diferença na forma de as crianças brincarem no exterior na minha futura vida profissional como educadora e por em prática atividades que vi e até mesmo na organização do espaço exterior em si. Fazer mais atividades que envolva todo o processo no ar livre questionando as crianças de como gostariam de ver o seu espaço exterior, recolher elementos na Natureza e com os mesmos fazer as atividades, envolver mais as famílias e comunidade no que diz respeito ao exterior. Achei interessante existir muitas quintas pedagógicas que são atrativas para as crianças, seria benéfico se existissem mais em Portugal, para as crianças interagirem com diferentes tipos de animais, hortas e vegetação, tomando assim consciência e respeito e preservação pelo meio envolvente e cultura. Desta forma gostava que as minhas futuras crianças tivessem fácil acesso que não fosse muito longe para poderem disfrutar ao máximo de uma quinta pedagógica.

Capítulo II – Componente Investigativa

Neste capítulo é apresentado e fundamentado, a metodologia da investigação bem como os procedimentos utilizados para a recolha e o tratamento dos dados utilizados para este presente projeto.

Objetivos

Através da leitura de artigos de vários autores, bem como das experiências observadas ao longo do meu percurso, tenho vindo a consciencializar da importância que o brincar ao ar livre tem para o desenvolvimento das crianças. Foi a partir da problemática, de que o brincar das crianças já não era o mesmo anteriormente à pandemia, que surgiu o problema da investigação. Desta forma importa perceber quais os benefícios que o brincar na natureza proporciona ao desenvolvimento das crianças? De que forma o Covid-19 teve impacto na brincadeira ao ar livre das crianças?

Para responder às questões anteriores considerei relevante concretizar os seguintes objetivos:

- 1) Compreender quais os benefícios que a comunhão com a Natureza trás para o bem-estar, saúde física e mental para o desenvolvimento das crianças;
- 2) Identificar em quais circunstâncias houve maior alteração no brincar das crianças decorrentes das medidas no âmbito da prevenção da COVID-19;
- 3) Caracterizar experiências vividas pelas crianças no espaço exterior durante este período

Metodologia

Na metodologia são apresentadas as opções metodológicas definidas para este estudo, bem como, os métodos e instrumentos de recolha de dados utilizados durante o trabalho investigativo, para Coutinho (2018), a investigação “é uma atividade cognitiva que consiste num processo sistemático, flexível e objetivo de indagação e que contribui para explicar e compreender os fenómenos sociais” (p.7)

De forma a responder aos objetivos do estudo, optou-se por uma investigação qualitativa. O processo de recolha de dados decorreu durante e após o último estágio em contexto de jardim de infância através das conversas e das brincadeiras que as crianças iam tendo durante as suas brincadeiras tanto no interior da sala como no exterior no recreio. Primeiramente foi realizada uma pesquisa documental, sendo feita uma revisão da literatura incluindo artigos científicos, teses de doutoramento e mestrado e relatórios produzidos no âmbito dos Cursos de Mestrado que habilitam para a docência.

1. Investigação Qualitativa

Para este estudo, optou-se por um estudo qualitativo, pois pretende-se descrever a realidade mais detalhada com anotações. De acordo com os autores Bogdan e Biklen (1994) afirmam que este tipo de estudo se baseia em “contemplar uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais.” (p. 11). Ao utilizar-se uma metodologia qualitativa, pretende-se partilhar o conhecimento e experiências para a prática pedagógica, segundo Pardal & Lopes (2011) “os investigadores de carácter qualitativo, descrevem uma situação de forma aprofundada e com os maiores detalhes (...)” (p. 27). Assim, pretende-se descrever uma realidade concreta no sentido de intervir de forma contextualizada.

Com o propósito de conhecer e compreender os fenómenos na sua integridade, uma investigação qualitativa, ocorre no contexto natural em que surgem as vivências dos sujeitos do estudo (Coutinho, 2018). Desta forma, esta investigação tem um foco na vivência dos sujeitos, a forma como vivem e interpretam as suas experiências e como lhes dão sentido, assim neste caso procuro conhecer as experiências das crianças na sua vivência do Jardim de Infância.

2. Procedimentos para a Recolha e tratamento de Informação

A recolha dos dados esteve presente durante toda a investigação, a observação, as notas de campo e os registos fotográficos foram os procedimentos utilizados para a recolha de informação para a elaboração deste projeto. Para este estudo recorreu-se à análise de conteúdo como uma técnica de tratamento de dados. Para Bardim (2016), análise de conteúdo caracteriza-se como sendo “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de

descrição do conteúdo das mensagens, (...) que permitam a inferência de conhecimentos relativos (...) destas mensagens”. (p.48)

a) Observação

A observação direta, foi uma das técnicas utilizadas durante esta investigação. A mesma considera o contacto direto com a realidade a estudar, consentindo uma maior implicação do investigador facilitando o aprofundamento da temática. De acordo com Carmo e Ferreira (2008), “observar é selecionar informação pertinente, através dos órgãos sensoriais e com recurso à teoria e à metodologia científica, a fim de poder descrever, interpretar e agir sobre a realidade em questão” (p. 111). Desta forma, é importante observar as crianças, pois temos mais detalhes das situações. Fiz questão de observar em todos os momentos as reações das crianças aos estímulos da educadora, mas observei mais detalhadamente os momentos em que brincavam espontaneamente no recreio ao ar livre sem orientações dos adultos e com orientação. Fiz questão também de observar no exterior as suas reações enquanto brincavam quando os adultos estavam por perto ou mais afastados.

b) Notas de Campo e Registo Multimédia

Segundo Pardal & Lopes (2011) para realizar a observação, o/a investigador/a pode utilizar vários meios na sua pesquisa, como é o caso dos cadernos de notas ou de uma máquina fotográfica. Todos os momentos que tive de observação das interações das crianças, transcrevi para as notas de campo, que foram incorporadas nas reflexões dos estágios. Sendo por vezes um desafio transcrever tudo o que faziam e diziam no exato momento, os registos de multimédia foram uma ajuda, Bogdan e Biklen (2013) relatam que este tipo de registo “é utilizada como meio de lembrar e estudar detalhes que poderiam ser descurados se uma imagem fotográfica não estivesse disponível” (p. 189), sendo que “as fotografias não são respostas, mas ferramentas para chegar às respostas” (p. 191). As notas de campo foram anotadas todos os dias no diário de bordo para que os momentos de diálogo entre crianças e crianças adultos ficasse registado para não perder nenhum conteúdo. O registo fotográfico ocorreu em todas as atividades não só para mais tarde realizar um vídeo para eles verem todo o seu trabalho realizado, mas também para que eu pudesse ver os detalhes mais tarde bem como das suas brincadeiras ao ar livre e desta forma saber quais os seus interesses e escolhas de brincadeira.

3. Revisão da Literatura

Segundo Brizola, J., & Fantin, N. (2017), a revisão da literatura, consiste no conjunto de ideias de vários autores sobre um tema específico, feito através de leituras e pesquisas que o pesquisador faz. Ainda no que diz respeito sobre o que consiste em a revisão da literatura, Cardoso, T., Alarcão, I., & Celorico, J. A. (2010) dizem que a mesma implica “a existência de matéria-prima sobre a qual se trabalha (os documentos a analisar).” Desta forma foi realizada uma revisão da literatura de estudos e documentos de vários autores acerca do brincar ao ar livre e como o esse momento foi impedido durante a pandemia.

Brincar ao ar livre

O brincar é um tema que tem sido bastante discutido ao longo dos anos, e que tem sido definido por vários autores. Para Piaget (1973),” o brincar é a forma de a criança explorar o mundo, ou seja, ao fazer de conta, ela vai conhecer outras facetas do mundo”. Considero que ao brincarem ao faz-de-conta, as crianças inventam personagens fictícias onde muitas das vezes fazem representações das situações da realidade. Neste sentido Ferland, (2006) aponta que ao brincar as crianças imaginam e criam lugares de fantasia, pois transformam a sua realidade através das suas habilidades criativas para adaptar os seus desejos.

Segundo Neto, (2020, p.16) o brincar por si só já é uma escola de aprendizagens onde se criam situações que não vão planeadas, que vão ficando completas através do corpo quer física ou mentalmente bem como a consciência da complexidade ambiental. Considero que é fundamental as crianças brincarem livremente e ao ar livre, pois é através do brincar que as mesmas se expressam e se desenvolvem que a nível emocional, psicológico, motor e de aprendizagens. Para Rosa (1998), salienta que o brincar é importante como uma atividade humana para o desenvolvimento pessoal. O brincar no espaço exterior é uma fonte inesgotável de recursos para as crianças, pois proporciona-lhes novas descobertas, e um mundo para explorar. De acordo com Solé (1980), o brincar é uma atividade especial em que a criança não só se descobre a si mas também o mundo que a rodeia e isso facilita a sua integração no mundo e nas suas relações sociais.

É impossível ficarmos indiferentes à alegria, às gargalhadas e gritos de felicidade das crianças quando brincam no espaço exterior, é notório que é algo que lhes faz bem e lhes transmite uma sensação de bem-estar e liberdade. De acordo com Mitchell & Popham (2018), o contacto com o meio natural tem efeitos positivos para a saúde, e bem-estar, da criança pois através do brincar no exterior a criança começa a acostumar-se ao espaço e sente segurança a fazer as suas explorações e a respeitar o ambiente e o seu meio envolvente como os seres vivos. Segundo Huggins & Wickett, (2011) quando a criança tem um contacto precoce com a natureza, a mesma vai estabelecendo uma conexão com o espaço o que faz com que ganhe estima pelo mesmo e com os seres vivos.

A importância do brincar ao ar livre no desenvolvimento e aprendizagens da criança

É importante que a criança brinque no espaço exterior pois é através de este meio que a criança desenvolve as suas capacidades de exploração e orientação, bem como a capacidade de superação de desafios.

Ao brincar, a criança está a estimular a sua inteligência, pois ao fazê-lo está a libertar a sua imaginação e a sua criatividade e ao mesmo tempo está concentrada e presta atenção às várias situações do seu quotidiano. Segundo Ferland (2006) que refere que a criança, enquanto brinca, não tem como primeira intenção o aprender pois ela enquanto brinca, está a desenvolver competências e atitudes que irá utilizar em diversas situações do seu dia-a-dia e ao longo da sua vida. O autor descreve o brincar como uma origem de diversas descobertas para a criança, entre elas, a descoberta de regras, valores e costumes.

Desta forma, a atividade lúdica é um meio de aprendizagem e de desenvolvimento para a criança, pois é através do brincar que a criança descobre o seu papel no mundo trazendo vantagens sociais, afetivas e cognitivas. Para Carlos Neto (2020 p.46), o brincar oferece muitas vantagens e benefícios durante o processo de desenvolvimento humano:

- *Promove o desenvolvimento cognitivo em muitos aspetos, tais como descoberta, capacidade verbal, produção divergente, habilidades manipulativas, resolução de problemas, processos mentais, capacidade de processar informação.*

- *Como consequência, o empenhamento no jogo e os níveis de complexidade envolvidos alteram e provocam mudanças na complexidade das operações mentais.*
- *A criança aprende a estruturar a linguagem através do jogo, isto é, brinca com verbalizações e ao fazê-lo, generaliza e adquire novas formas linguísticas.*
- *A cultura é passada através do jogo. Esquemas lúdicos e formas de jogo passam de geração em geração, do adulto para a criança e da criança para as crianças.*
- *Desenvolve-se a atividade física e o aperfeiçoamento de habilidades motoras rudimentares, fundamentais e especializadas.*
- *Os estranhos tornam-se amigos, desenvolvendo-se os processos de sociabilização e de identidade entre pares.*

O papel do adulto como promotor do brincar ao ar livre

O educador tem um papel essencial no que diz respeito ao brincar das crianças no espaço exterior, pois é através da observação das brincadeiras ao ar livre que o educador vai conhecendo cada criança. Segundo Carlos Neto (2020) ao observarmos as crianças a brincar, compreendemos melhor quais as suas necessidades e desejos. É importante desenvolver as competências de observação para que pais e educadores conheçam a criança por interior.

O espaço no exterior deve estar organizado de forma a proporcionar não só diversão como também desafios com riscos e manter as crianças motivadas, para tal Bilton H.; Bento G. e Dias G. (2017) dizem que quando um adulto é capaz de orientar o risco de forma flexível, averiguando o seu impacto positivo no desenvolvimento da criança, as experiências de desafio serão facilitadas e entusiasmantes. Ainda no que diz respeito à organização dos espaços, segundo o Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto, cabe ao educador de infância:

[Organizar] o espaço e os materiais, concebendo-os como recursos para o desenvolvimento curricular, de modo a proporcionar às crianças experiências educativas integradas; [disponibilizar e utilizar] materiais estimulantes e diversificados, incluindo os selecionados a partir do contexto e das experiências de cada criança; [proceder] a uma organização do tempo de forma flexível e diversificada, proporcionando a apreensão de referências temporais pelas crianças; [mobilizar e gerir] os recursos educativos, nomeadamente os ligados

às tecnologias da informação e da comunicação; [criar e manter] as necessárias condições de segurança, de acompanhamento e de bem-estar das crianças.

Enquanto as crianças brincam ao ar livre, sempre que o/a educador/a tenha oportunidade, deve brincar com as mesmas de forma não invasora, segundo Hohmann & Weikart, (2011), de forma a descobrir como as crianças pensam e raciocinam durante o brincar, podemos não sendo intrusivos, interagir e questionar as crianças. Durante as brincadeiras, “para que as crianças aceitem os adultos em seu brincar, precisam de ser desenvolvidos relacionamentos baseados em mútua confiança e respeito” (Abbott, 2006, p.105).

Para concluir, é através da observação, das notas de campo, da organização, das planificações e da avaliação, que o educador vai conseguir dar respostas às necessidades do brincar das crianças, tendo sempre em conta as particularidades de cada uma. O educador deve ponderar “sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando recursos necessários à sua realização” (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p.15).

O impacto do Covid-19 no brincar ao ar livre

Com o aparecimento do novo vírus Covid-19, Figueiredo (2020) diz que com o início da pandemia, as crianças tiveram que se adaptar de forma repentina à nova realidade cheia de regras, ficando assim privadas do convívio com as outras crianças e educadores por as escolas terem fechado. Desta forma, Seixas et al. (2020), dizem-nos que as restrições que a pandemia de COVID-19 trouxe colocaram novos desafios, pois os espaços públicos ficaram interditos, desta forma as crianças ficaram confinadas ao seu espaço doméstico, sendo visto o seu direito a brincar na rua retirado e limitando o seu desenvolvimento enquanto indivíduos. De acordo com Figueiredo (2020), para haver bem-estar em todo o ser humano é importante que haja contacto físico e socialização, mas para as crianças que são mais frágeis no que diz respeito às mudanças de ambiente, pode influenciar negativamente o seu desenvolvimento social e emocional.

3.1 Métodos e procedimentos da revisão da literatura:

3.1.1 Seleção das fontes de pesquisa

Nesta primeira etapa, foi feita várias pesquisas através da plataforma Google Scholar. No motor de busca tendo sempre como parâmetros: pesquisar páginas em português, num intervalo específico de cinco anos entre 2017 a 2022. Primeiramente foi feita uma pesquisa mais geral só sobre o brincar no espaço exterior. Foi incluído relatórios de estágio, teses de mestrado e doutoramento não publicadas e também alguns artigos científicos publicados em revistas com revisão de pares.

Termos de pesquisa	Palavras-chave (Português)
T1	“Brincar das crianças”; “Interação das crianças”; “Espaço exterior”
T2	“Outdoor Education”; “Pré-escolar”
T3	“Outdoor Education”; “Brincar livre”
T4	“Brincar no exterior”; “Outdoor Education”
T5	“Crianças”; “Espaço exterior”; “Covid-19”

Tabela 1: Definição de termos de pesquisa/Palavras-chave

De seguida, através da plataforma de pesquisa Google Scholar, foi colocado no motor de busca o **T1** “Brincar das crianças”; “Interação das crianças”; “Espaço exterior”. Foi colocado um intervalo de tempo de 5 anos (2017-2022), e selecionado a pesquisa de páginas em português. Desta pesquisa obteve-se 22 resultados, após a análise do título e das palavras-chave, apenas 5 tinham conteúdo sobre o tema estudado. Seguidamente, foi colocado no motor de busca o **T2** “Outdoor Education”; “Pré-escolar”, com o mesmo intervalo de tempo da pesquisa anterior e apenas com páginas em português, desta pesquisa obteve-se 34 resultados e apenas 8 continham conteúdo sobre o tema. No **T3** “Outdoor Education”; “Brincar livre”, colocou-se o mesmo intervalo de tempo e novamente com páginas em Português, desta pesquisa obteve-se 12 resultados, mas apenas 4 falavam sobre o tema. Posteriormente, no **T4** “Brincar no

exterior”; “Outdoor Education”, foi feito o mesmo intervalo de tempo e novamente só com páginas em português, ao qual se obteve 24 resultados, e destes só 2 falavam sobre o tema. No último T5 “Crianças”; “Espaço exterior”; “Covid-19” com os mesmos parâmetros dos termos anteriores, obtive 781 resultados dos quais 21 tratavam o tema.

Da leitura de reconhecimento dos artigos, resultou da constituição do corpus de dados, composto por 35 estudos, realizada através da leitura dos resumos e respectivos resultados. Estes estudos foram os que se aproximaram mais da questão e objetivos do estudo. Este processo está descrito de forma esquematizada na figura 1:

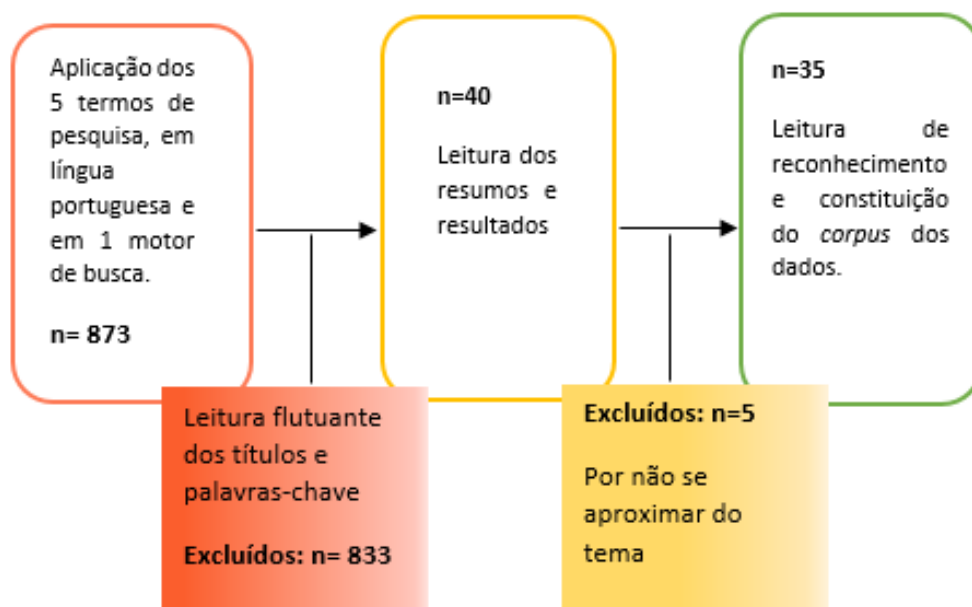


Figura 1: Processo de seleção e triagem de artigos

Os 35 resultados do presente estudo de revisão sistemática da literatura, estão identificados na tabela 2 por: código do artigo, definido pelo investigador; ano da publicação, nome do autor e título do artigo.

Código do artigo	Autores	Ano	Título	Tipo de artigo
A1	Silvério, Ana Rita Gaspar	2018	Primeiros passeios ao jardim: Estudo avaliativo do contacto das crianças em creche com natureza na companhia dos seus pares	Dissertação de Mestrado
A2	Ribeiro, Daniela Catarina Fernandes	2018	A presença e a importância dos media nos tempos livres das crianças	Dissertação de Mestrado
A3	Maia, Carolina Pinho	2020	Os espaços interior e exterior: um estudo de caso em contexto pré-escolar	Dissertação de Mestrado
A4	Cardoso, Diana Carolina Lopes	2019	Intervenção Pedagógica em educação pré-escolar e 1ºCEB: a criação participada de um espaço educativo no exterior	Dissertação de Mestrado
A5	Reis, Liliana Andreia dos Santos Ferreira dos	2020	O brincar na Educação Pré-escolar: As interações e as preferências das crianças nas suas brincadeiras	Dissertação de Mestrado
A6	Bento, Gabriela; Portugal, Gabriela	2019	Uma reflexão sobre um processo de transformação de práticas pedagógicas nos espaços exteriores em contextos de educação de infância.	Revista
A7	Carvalho, Ana Isabel Figueiredo, Maria Pacheco	2017	Isto foi a melhor coisa que aconteceu: Reflexões partilhadas sobre cozinhas de lama	Revista
A8	Bernardo, Joana Filipa Costa	2020	Abrir portas ao exterior	Dissertação de Mestrado
A9	Henriques, Eliana Alves Dias dos Santos	2019	Brincar ao sabor do vento: potencialidades do brincar ao ar livre.	Dissertação de Mestrado
A10	Rodrigues, Ana Filipa Fernandes	2017	Brincar na Natureza: Explorar o Jardim Botânico com crianças dos 2 aos 6 anos	Dissertação de Mestrado
A11	Espadilha, Sara de Sá	2017	Envolvendo-me na natureza posso brincar, aprender e crescer?- Um estudo sobre a importância do espaço exterior no Jardim de Infância.	Dissertação de Mestrado
A12	Rocha, Diana Esgueirão	2020	Conexão com a Natureza: Um projeto com crianças dos 3 aos 5 anos.	Dissertação de Mestrado
A13	Ventura, Magda	2021	Brincar na Natureza	Dissertação de Mestrado

A14	Brito, Ana Beatriz Reis Sanches Ribeiro de	2019	Lá fora é mais divertido!: brincar e aprender na natureza no 4º ano de escolaridade	Dissertação de Mestrado
A15	Rosa, Ana Rita Lopes Martins	2013	A importância de brincar no exterior: análise dos níveis de envolvimento de crianças em idade pré-escolar	Dissertação de Mestrado
A16	Cruz, Ana Catarina dos Santos	2013	A importância de brincar no exterior para a resolução de problemas e criatividade: um estudo com crianças em educação pré-escolar	Dissertação de Mestrado
A17	Maria, Isabela Oliveira dos Santos	2021	Brincar livremente na natureza: contributo de pais e professores	Dissertação de Mestrado
A18	Martins, Maria de Fátima Teixeira	2016	Brincadeiras no espaço exterior e aprendizagens : percursos de prática de ensino supervisionada e de investigação na educação pré-escolar	Dissertação de Mestrado
A19	Ramos, Raquel; Figueiredo, Aida; Coelho, Ana	2021	Potencialidades da educação na natureza em contextos de infância: uma revisão sistemática de literatura	Revista
A20	Torrado, Beatriz Santos	2018	Prática de ensino supervisionada em educação- pré-escolar e ensino do 1º ciclo do ensino básico - Brincar: interações e aprendizagens	Dissertação de Mestrado
A21	Oliveira, Catarina Sofia Ferreira de	2021	A importância de brincar ao ar livre: um estudo com crianças do Pré-Escolar	Dissertação de Mestrado
A22	Rocha, Cláudia Filipa Soares da Silva	2021	O ensino/intervenção@distância – Como adaptar uma intervenção presencial para uma intervenção à distância de qualidade?	Dissertação de Mestrado
A23	Silva, Maria Inês Batista	2021	As Atividades Outdoor e a Promoção da Literacia Científica no Jardim de Infância	Dissertação de Mestrado
A24	Fernandes, Tânia Rafaela Pereira	2021	Prática de Ensino Supervisionada: a importância dos espaços exteriores na aprendizagem das crianças	Dissertação de Mestrado
A25	Sarmento, M. J., e Bento, G.	2020	Redescobrir a qualidade em educação de infância em tempos de mudança	Revista
A26	Galvão, Cármen Sofia Machado de Sousa	2021	Um mundo lá fora: brincar no espaço exterior em creche e jardim de infância	Dissertação de Mestrado
A27	Gonçalves, Mafalda Sofia Ramos Domingos	2021	O lugar do jardim de infância em tempos de pandemia	Dissertação de Mestrado

A28	Monteiro, Raquel Alexandra da Silva	2021	O espaço exterior em tempo de pandemia: olhar(es) e práticas em contexto de jardim de infância	Dissertação de Mestrado
A29	Moreira, Mariana Vasques, Catarina Magalhães, Pedro Cordovil, R. Veiga, Guida Lopes, Frederico	2022	Caracterização da qualidade do envolvimento físico dos jardins de infância de Bragança em tempo de COVID-19	Revista
A30	Reis, J., Friães, R., e Rocha, C.	2021	Crescer com o Risco: Comportamentos das crianças e de supervisão do adulto em situações de brincadeiras arriscadas, em contexto de Jardim de Infância	Revista
A31	Silva, Teresa Pinheiro, Ana	2021	Brincar e intervir à distância: Uma missão (quase) impossível	Revista
A32	Lopes, Susana Filipa Marques	2021	Brincar no espaço exterior com as TIC: das práticas educativas às competências reflexivas e investigativas	Dissertação de Mestrado
A33	Cruz, Ana Rita Mameleira, José Almeida, Gabriela Guerreiro, Daniela Veiga, Guida	2021	OUT-TO-IN: EFEITOS DE UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO PSICOMOTORA NA COMPETÊNCIA MOTORA DE CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR	Revista
A34	Nascimento, Inês Ferreira	2021	As experiências sensoriais enquanto promotoras do desenvolvimento motor na creche e jardim de infância	Dissertação de Mestrado
A35	Soares, Bruna Filipa Ferreira	2021	O brincar – uma marca da infância	Dissertação de Mestrado

Tabela 2: Identificação dos artigos

3.1.2 Análise de conteúdo dos artigos

Após uma leitura mais concentrada dos artigos selecionados, foi possível categorizar cada um dos mesmos. Para tal, foram estabelecidas 5 categorias consoante os subtemas dos mesmos e obteve-se (Natureza; Desenvolvimento Motor; Saúde; Tecnologia e Relações/Comunicação). O gráfico da Figura 2 permite compreender as diferentes categorias.

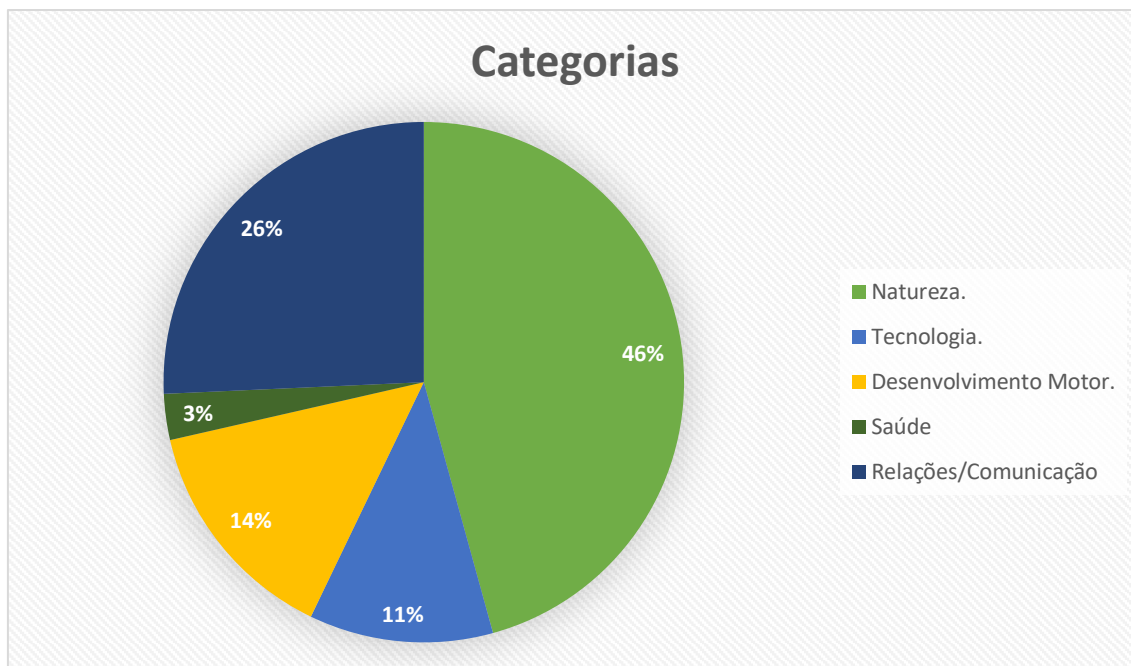


Figura 2 Gráfico de categorias

Cada categoria apresenta os respetivos artigos

- Natureza: A1; A6; A7; A8; A9; A10; A11; A12; A13; A14; A17; A18; A19; A21; A26; A30.
- Tecnologia: A2; A22; A31; A32.
- Desenvolvimento Motor: A15; A16; A29; A33; A34.
- Saúde: A27.
- Relações/ Comunicação: A3; A4; A5; A20; A23; A24; A25; A28; A35.

Verifica-se que a categoria da Natureza é a que apresenta maior expressividade, estando presente em 16 dos 35 artigos. Por sua vez, a categoria da saúde é que aparece com menor expressividade, sendo apenas 1 artigo em 35.

Natureza

O contacto com a Natureza promove na criança um crescimento pessoal e emocional, surge o desejo de experimentar, descobrir e interagir com o mundo que a rodeia segundo L'Ecuyer (2016), afirma que "a natureza é das primeiras janelas de curiosidade da criança" (p.77). O Brincar livremente na natureza, traz confiança, autonomia, e estimula o desenvolvimento de habilidades motoras, bem como a

curiosidade e criatividade, neste sentido, Coutinho (2019) diz-nos que "...as crianças conseguem concentrar-se durante muito mais tempo com a mesma atividade, uma vez que esta é mais livre e lhes permite dar asas à sua imaginação." (p.41). O contacto com o risco é fundamental para responder às necessidades de curiosidade, interesse e desenvolvimento das crianças. Para Bilton, Bento & Dias (2017), o risco aparece em "situações que exigem a realização de escolhas entre diferentes alternativas de ação, cujo resultado é desconhecido" (p. 66).

Tecnologia

A tecnologia surge de forma muito natural na vida da criança, pois quando nascem, já vivenciam todo um mundo digital. Segundo o estudo de Ponte et al. (2017), "as crianças portuguesas (3-8 anos) são nativos digitais. Vivem em lares digitais e têm pais digitais". As crianças convivem todo o tempo com dispositivos digitais e ao mesmo tempo veem os pais a utilizarem dispositivos digitais. Quando observamos as crianças a utilizar telemóveis ou tabletes, elas utilizam-nos para jogar ou ver vídeos, desta forma Souza (2019) diz-nos que "por meio de tentativas e erros, em toques na tela e links encontram as atividades lúdicas de seu interesse" (p.321). Todo este mundo tecnológico alterou a forma das crianças brincarem e o modo de como aproveitam o seu tempo livre. De acordo com Chaves (2014), esta utilização "alterou as formas de brincar, mudou o uso do tempo livre, dos espaços necessários para brincadeiras" (p.12). Neste contexto, o brincar livre é muitas vezes substituído pelo uso dos dispositivos tecnológicos.

Desenvolvimento Motor

O Desenvolvimento Motor é um processo contínuo e demorado e, pelo facto de as mudanças mais acentuadas ocorrerem nos primeiros anos de vida. Ainda que ocorra durante toda a vida de cada indivíduo, iniciando-se no nascimento e findado na morte, o desenvolvimento motor deriva de fatores biológicos – associados ao crescimento e maturação – bem como das vivências e experiências que o indivíduo estabelece com o meio a que pertence, e, portanto, das interações com os diferentes contextos (Homrich,2013). Segundo Monteiro (2004), "desde o nascimento até à idade adulta, produzem-se profundas modificações no seio do organismo humano. Estas mudanças podem ser descritas ao nível do desenvolvimento motor, mas também, no âmbito do crescimento físico e da maturação".(p.117), ainda no que diz respeito ao desenvolvimento motor, Paim (2005) realizou um estudo com o objetivo de verificar o desenvolvimento motor das crianças do pré-escolar, na faixa etária dos 5/6 anos. Chegando à conclusão que o produto do desenvolvimento motor está relacionado com as experiências e vivências das crianças e quanto maior for o número de experiências

motoras de qualidade, maior será o desempenho nas tarefas motoras realizadas por elas.

Saúde

O bem-estar que a Natureza proporciona, tem impacte na saúde, pois é uma das características das crianças saudáveis é a necessidade de um nível de atividade física elevado. De acordo com Dowdell, Gray, & Malone,(2011); Erickson & Ernst, (2011) cada vez mais, a natureza e o brincar têm um impacto considerável na saúde e no bem-estar das crianças. Estar em contexto natural, oferece a calma que a criança necessita contra o stress.

Relações/Comunicação

O contacto e a exploração dos elementos naturais são importantes para as competências sociais, pois promovem a cooperação entre pares, sendo o alicerce de dialogo, respeito pelo outro e de constante aprendizagem. De acordo com Katz & McClellan (2006) “os colegas têm um papel cada vez mais importante no desenvolvimento social” (p.17). Os primeiros relacionamentos sociais que a criança tem são a família e na maioria com adultos. Quando entram para o JI, relacionam-se com mais crianças, experienciando assim uma nova vertente de relações sociais. Segundo Scotland (2010), a criação de relações fortes, desenvolvidas através de por ligações seguras, ajudam as crianças a desenvolver empatia e capacidade para compreender os sentimentos dos outros.

3.1.3 Síntese e discussão dos resultados da revisão da literatura

Os estudos analisados permitem alcançar o objetivo desta investigação, na medida em que demonstram os benefícios de brincar no exterior em contacto com a natureza, ao nível da sua saúde, desenvolvimento motor; relações e comunicação. Noutra vertente demonstra também qual foi o impacto que o Covid-19 teve em relação ao brincar no exterior. No que diz respeito ao brincar em comunhão com a natureza, os resultados foram bastante positivos, pois a criança cria novas aptidões ao explorar os elementos da natureza, estimula a curiosidade, a criatividade, tem confiança e autonomia. Quando não existe contacto direto com a natureza isso traz consequências negativas a nível do desenvolvimento, saúde e bem-estar (Mustapa, Maliki & Hamzah, 2015). Na Saúde, o facto das crianças brincarem ao ar livre, é excelente pois libertam o stress e a ansiedade, o que ajuda na saúde mental, bem como na saúde física, pois

combate a obesidade ao correr, saltar, trepar etc.. Moss (2012) demonstra que a saúde mental que se cria na ligação à natureza, é tão ou mais importante do que a saúde física, embora o autor refira que estão intimamente ligadas, no sentido em que o aumento da atividade física promove uma melhor saúde mental. Mais do que nunca as questões da saúde são importantes dado ao momento que atravessamos devido ao Covid-19, e é referido pela APEI (2020) que há necessidade de serem garantidas condições de higiene e segurança, bem como privilegiar as interações “das crianças com os materiais, optando por materiais naturais e/ou descartáveis, os que sejam facilmente higienizáveis e aqueles, que, tendo um fim aberto, permitem às crianças criar, aprender e fruir.” (p. 4). Na área do desenvolvimento motor os resultados são sólidos, pois relacionam o meio natural ao desenvolvimento de habilidades motoras da criança, como por exemplo, o seu equilíbrio, a coordenação e o melhoramento de diferentes formas de locomoção. Para Bento (2015), desenvolvimento motor e desenvolvimento cognitivo estão profundamente relacionados, uma vez que a criança explora e compreende o mundo à sua volta, a partir das interações que faz com este. Desta forma (Michek et al., 2015), que evidencia que as crianças que desenvolvem experiências na natureza, ao nível das competências motoras, superam as que apenas brincam em parques estruturados.

Na dimensão das relações/comunicação os resultados são consistentes pois de acordo com as OCEPE (2016), as interações que as crianças criam com os adultos e com outras crianças, bem como as experiências que lhes são proporcionadas pelo contexto social e físico, compõem momentos de aprendizagens, que contribuem para o seu desenvolvimento. Assim sendo, ao ar livre, as experiências têm um impacto significativo nas relações entre crianças e adultos, pois podem ocorrer de forma progressiva. Cada criança vive o espaço exterior de forma única (Bilton et al., 2017). No que diz respeito à tecnologia os resultados foram diferentes, por um lado verificou-se que há quem apoie a utilização das tecnologias e quem não apoie, (Buckingham et al., 2005) diz-nos que as crianças ao utilizarem os media, pode potenciar novas brincadeiras, bem como momentos de diálogo, dando origem a novas formas de socializar. Na mesma linha, (Miranda & Osório, 2009), diz que a utilização das tecnologias possibilita que as crianças explorem de modo a descobrirem as suas funcionalidades. Por outro lado (Dias, 2019) afirma que as TIC guiam as crianças a trocar o seu brincar ao ar livre, onde exploram e interagem com os colegas pelas tecnologias. No mesmo segmento, o mundo virtual não deverá trocar as experiências do mundo real, ou seja, o mundo virtual não proporciona experiências tão completas como o mundo real (Ferland, 2006).

4. A experiência das crianças num Jardim de infância da rede pública- Situações em que o Covid-19 condicionou o brincar livre das crianças.

4.1- “Sentimos falta de brincar na rua”

Durante as semanas de observação e de intervenção de uma das PES, e durante os primórdios do Covid-19, as crianças não podiam brincar no exterior, só estando confinadas ao interior. Durante aquelas semanas observei que devido à pandemia as crianças pareciam mais agitadas e insatisfeitas, por só ser disponibilizado uma caixa com o mesmo tipo de brinquedos por exemplo carrinhos. Nos momentos de brincadeira livre era visível que as crianças necessitavam do espaço exterior pois apontavam muitas vezes para a janela, e estavam sempre junto à mesma. Outra necessidade visível era o facto de quererem brincar com outro tipo de brinquedos, pois de vez em quando iam à prateleira buscar brinquedos maiores, o que não podia ser pois estavam a desinfetar, e as crianças choravam quando isto acontecia. De forma a proporcionar-lhes outra alternativa, tentei criar uma caixa que tivesse brinquedos e atividades variadas, desde livros; atividades e brinquedos. Ainda tive a oportunidade de realizar algumas atividades como por exemplo o livro de texturas e a canção de inverno. Tinha planeado realizar atividades na sala polivalente, para que não estivessem sempre dentro da sala, mas entramos em confinamento de um dia para o outro e não foi possível continuar o estágio.



Imagem 4: Atividades no interior

4.2- “Divisão de espaços”

No decorrer de um dos estágios tive a oportunidade de observar que o grupo de crianças brincava muito no espaço exterior, pois em conversa com a educadora, a mesma era apologista dos benefícios do brincar ao ar livre e que que as crianças ao

estarem ao no ar puro ajudava a que as crianças não tivessem expostas ao o vírus do Covid-19 do que se tivessem sempre dentro de uma sala. Como havia duas turmas naquela escola, e para não se juntarem para evitar contágios, o espaço exterior estava dividido em dois, uma turma ficava dois dias no espaço da natureza que continha o escorrega e a outra turma ficava no espaço da calçada que continha os triciclos. Nestes momentos do recreio as crianças eram livre de explorar e de brincar livremente, houve um momento particular que me marcou, durante esse momento foi elaborado o seguinte diálogo com uma criança que trepava à árvore:

E: Cuidado, desce daí porque caís e magoas-te!

C1: Espera! Não, deixa-me chegar àquele ramo.

P: Não te preocupes porque eles estão habituados a sumir a essa árvore, chegam só até ali e não sobem mais.

C1: Sim, não te preocupes que estamos habituados.

Figura 3: Diálogo entre estagiária, crianças e Professora

Este diálogo fez-me refletir que ao querermos proteger as crianças, muitas das vezes acabamos por impedi-las de explorar e brincarem livremente, desta forma, é importante deixá-las brincar para aprenderem com o risco, mas sempre supervisionando. Outro momento que foi um entrave devido ao covid-19 foi o facto de as crianças das duas turmas estarem habituadas a brincar todas juntas e de repente terem de se separar, durante um momento foi elaborado o seguinte diálogo com duas crianças:

C1: olha, encontrámos estes caracóis, podemos ir ter com os meninos ao outro lado para lhes mostrar os nossos caracóis.

A: Não, porque os “covidinhos” andam no ar, já sabem que não se podem juntar.

C2: mas porquê? Não somos nós que vamos brincar, são os nossos caracóis e os deles!

A: Não meus queridos, não pode ser, mostrem-lhes daqui que eles vêm.

C1: pronto, está bem.

Figura 4: Diálogo entre crianças e auxiliar

Este diálogo fez-me refletir o quanto as relações entre as crianças ficaram afetadas, pois num dia brincavam normalmente todas juntas e no outro dia tudo foi dividido, e teve de haver um distanciamento social. Fez-me refletir também, o facto de na cabeça das crianças não haver problema, pois quem se ia juntar para brincar era os caracóis e não eles, por isso não havia risco de contacto.

4.3 “Corrida atrás do Covid”

Durante um estágio, enquanto as crianças brincavam no espaço exterior, eu estava a observar as suas brincadeiras, havia um grupo de crianças que estava a organizar brincar à apanhada, mas de uma maneira diferente, pois quem era a apanhar era o “Covid-19” e quem fugia eram “crianças”. Concordaram na criança que ia apanhar, sendo dessa forma o “Covid” e começaram a brincar, de repente vejo alguém a chorar e a correr em direção à auxiliar, sendo elaborado o seguinte diálogo:

C1: Socorro, o Covid vem atrás de mim e vai-me apanhar!

A: estas a chorar porque? Vocês estão a brincar.

C1: mas ele vinha a correr atrás de mim e vou ficar infetada.

A: Isto é só uma brincadeira não vais ficar infetada assim, anda vamos falar com os meninos para brincarem à apanhada normal sem os “covidinhos”.

Figura 5: Diálogo entre criança e auxiliar

Este diálogo fez-me refletir sobre o medo que as crianças ficaram, pois, a criança teve tanto medo de que o “Covid” a apanhasse era tanto que ficou aflita e começou a chorar.

5. Discussão de resultados

No decorrer do estudo, os resultados foram uniformes, pois ao interligar as informações obtidas no estudo da revisão da literatura com as notas de campo obtidas através de observação e intervenção, comprovou-se que no que diz respeito à primeira questão, “quais os benefícios que o brincar na natureza proporciona ao desenvolvimento das crianças?”, o brincar na natureza trás inúmeros benefícios para as crianças, a nível da saúde pois fá-las saudáveis devido ao esforço físico elevado que têm, bem como bem-estar pois o contexto natural oferece calma onde as crianças podem libertar o excesso de stress acumulado. Dahlman e Artursson (2019), fortalecem a ideia, de que atividades ao ar livre, são essenciais para o desenvolvimento musculoesquelético, coordenação e equilíbrio das crianças.

O facto de brincarem na natureza, tem benefícios quer para o seu desenvolvimento pessoal quer para o seu desenvolvimento emocional, pois é através desta componente que concretizam as suas aventuras e experiências. Segundo Ferreira (2010, p. 12), ao observarmos as crianças a brincar, podemos obter informações essenciais a seu respeito, relacionadas à formação pessoal e social, à expressão e comunicação e ao conhecimento do mundo. Durante essas aventuras, as crianças sentem necessidade de por vezes arriscar, o que faz parte, pois é ao lidarem com o risco que estimulam a sua curiosidade, bem como a imaginação durante as brincadeiras, mas também ao mesmo tempo mantem o interesse e concentração.

Na mesma linha, quando as crianças brincam na natureza estão a trabalhar o seu desenvolvimento motor ao treparem, saltarem, manter o equilíbrio. O desenvolvimento motor é algo que se vai trabalhando durante a vida, mas nestas idades as crianças criam mais oportunidades de o desenvolverem, pois tem um espaço mais amplo no exterior. Liempd e Schepers (2010, p.5) referem que as crianças ao brincarem num espaço natural “com pedras, campos acidentados e cordas para trepar às árvores, estão menos propícias a apanhar doenças, alcançam melhores níveis de concentração e de motricidade global.”

Existem mais benefícios para além destes enumerados como por exemplo no que diz respeito às relações e comunicações, pois o seu desenvolvimento social é também ampliado. Quando as crianças brincam principalmente ao ar livre, fazem-no a pares ou em grupo, o que promove o diálogo e o respeito pelos outros, a resiliência é importante quer a nível pessoal quer a nível social, pois permite ao indivíduo o equilíbrio necessário ao seu desenvolvimento (Botelho, 2012). Outra componente importante de mencionar é

que o facto de as crianças brincarem em espaços ao ar livre, faz com que os mesmos não estejam tanto tempo em frente aos ecrãs dos aparelhos eletrónicos. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (2019) devemos “substituir o tempo em que as crianças pequenas permanecem sujeitas ou dedicadas a atividades sedentárias em frente a telas digitais”.

No que diz respeito à segunda questão “de que forma o Covid-19 teve impacto na brincadeira ao ar livre das crianças?”, o Covid-19 teve impacto no brincar das crianças ao ar livre, pois durante algum tempo ficaram privadas de poder brincar em espaços exteriores, estando assim apenas confinadas ao interior. Estes factos tiveram consequências boas e más, boas porque passaram mais tempo no ceio familiar, e tomaram de certa forma consciência da saúde devido ao novo vírus pois têm de tomar precaução para não serem infetados ao desinfetar as mãos regularmente. Com o confinamento, adquiriram novas competências digitais com as aulas online, ficaram mais despertas para as tecnologias o que por um lado é bom, mas por outro faz com que passem demasiadas horas com os aparelhos eletrónicos e não a brincar ao ar livre. Pombo et al. (2021) concluíram que com a pandemia existiu um aumento do tempo de nos ecrãs e isso levou a comportamentos sedentários, consequentemente proporcionou a diminuição das competências motoras das crianças portuguesas.

Nos recreios das creches e jardins de infância do que pude observar, surgiram novas regras para reduzir o contágio do vírus, como por exemplo, seleção de brinquedos; interdição aos escorregas; divisão de espaços. Estas alterações fizeram com que as crianças tivessem restrições no seu brincar ao ar livre trazendo assim repercussão no mesmo, pois as crianças que não puderam brincar na rua ficaram impedidas de estar em contacto com a natureza e de poder desenvolver a sua parte motora, consequentemente a parte emocional ficou também afetada, pois acumulavam mais stress e aborreciam-se mais facilmente. Houve também implicações no que diz respeito às relações e comunicações pois as crianças ao estarem em espaços divididos do que estavam habituadas, ficaram impedidas de se relacionar e brincar com os outros colegas. No mesmo seguimento, as crianças começaram a ter brincadeiras sobre o mesmo, o que por vezes pode causar medo e angustia a nível emocional.

Capítulo III- Conclusão e considerações finais

Neste capítulo é apresentada a conclusão deste estudo de acordo com os objetivos iniciais. A elaboração do presente estudo de investigação foi realizada em torno das questões “Quais os benefícios de brincar na Natureza?” e “Qual o impacto que o Covid-19 teve no brincar das crianças?”. De forma a dar resposta a estas questões e seguindo os objetivos da mesma, realizou-se uma revisão da literatura de 35 artigos de vários autores e cruzou-se os dados com as notas de campo obtidas durante os três percursos de Investigação na Prática de Ensino Supervisionada através de observação e intervenção.

A análise dos resultados permitiu concluir que de acordo com o primeiro objetivo “Compreender quais os benefícios que a comunhão com a Natureza trás para o bem-estar, saúde física e mental para o desenvolvimento das crianças”, tem um impacto muito positivo para a vida e desenvolvimento das crianças, a nível da saúde física e mental, as crianças ficam mais despertas para novas aventuras e explorações, trabalhando assim a sua imaginação e criatividade. Aprendem também a lidar com o risco, tendo assim a destreza de saber até onde podem ir e não, quando estão a brincar em grupo socializam mais e aprendem a respeitar o próximo, desta forma ao brincarem ao ar livre não passam tanto tempo dentro de casa “ligados” aos aparelhos eletrónicos.

No que diz respeito ao segundo objetivo “Identificar em quais circunstâncias houve maior alteração no brincar das crianças”, existiu uma maior alteração com o início da pandemia, pois em alguns casos as crianças não usufruíam do espaço exterior, ficando assim confinados ao espaço interior com algumas regras para prevenção ao risco de contágio. Com o passar do tempo e já com alguns conhecimentos a cerca do covid-19 as crianças começaram a usufruir do espaço exterior, pois como é arejado existe menos risco de contágio, ainda que com algumas regras para evitarem ao máximo o contacto físico, embora seja difícil para as crianças, pois durante as brincadeiras existe contacto físico.

No terceiro objetivo “Caracterizar experiências vividas pelas crianças no espaço exterior durante este período”, foi possível descrever várias situações observadas e experienciadas sobre o impacto que o covid-19 teve nas brincadeiras das crianças. Foi possível observar o desejo que as crianças tinham ao ir brincar livremente para o recreio ou fazer atividades fora da escola no contacto com a natureza, se lhes perguntássemos

o que gostariam de fazer, sugeriam na maior parte das vezes fazer atividades no exterior, de acordo com Melo (2017), sabe-se a nível científico, que o grau de contágio é menor quando as atividades são realizadas nos espaços ao ar livre e na Natureza, pois, é impossível impedir as crianças do contacto com a mesma.

Como reflexão final do trabalho desenvolvido neste relatório a elaboração deste trabalho nasce da vontade de compreender sobre o brincar ao ar livre bem como os seus benefícios, mas também de perceber o que aconteceu durante a pandemia em relação às brincadeiras das crianças no exterior.

Após estes anos da minha formação enquanto futura educadora, senti que ano após ano ia adquirindo novas aprendizagens e ia tendo mais dedicação e motivação para o meu percurso, nem sempre foi fácil com muito amor e foco ao que desejo fazer na minha vida profissional consegui ultrapassar os obstáculos. Para mim todos os estágios realizados foram muito gratificantes, pois e aprendi muito com as crianças, educadores e professores, existiram desafios, mas sobretudo muita alegria e orgulho de mim mesma. Fui muito bem-recebida por todos, desde as crianças, às educadoras e auxiliares. Procurei estar sempre atenta a todas as observações que me iam dizendo e ao que faziam, para que pudesse criar conteúdo rico para as crianças disfrutarem.

Desde os professores que me formaram aos educadores que tive a oportunidade de me cruzar, sempre estiveram dispostos para me esclarecer qualquer dúvida que eu tivesse, bem como alguma insegurança que eu tivesse, foi sempre ultrapassada. Procurei interagir com as crianças em todos os momentos, e aceitaram-me sempre bem. Tive alguns momentos que marcaram pelo lado positivo no que diz respeito ao brincar ao ar livre, um deles foi um episódio em que umas crianças estavam a trepar a uma árvore e eu fiquei um pouco aflita pois tinha medo que caíssem, qual não foi o meu espanto quando me dizem que não faziam mal pois estavam habituados, confirmando de seguida a educadora. Este momento fez-me refletir, pois quando eu tinha a idade deles fazia o mesmo e isto é importante para as crianças lidarem com o risco, para poderem fazer as suas aprendizagens e explorarem ao máximo os benefícios e oportunidades que a natureza lhes trás.

Outro momento que me marcou, foi a felicidade das crianças no dia da espiga irem colher as plantas para criar a sua própria espiga. No fim de apanharem as flores viram uma pequena colina de terra e perguntaram à educadora se poderiam subir, estavam

tão felizes e sujos que acabamos por ali ficar o resto da tarde. Foi interessante observar as crianças, pois todas queriam subir como umas eram mais pequenas que outras tinham mais dificuldade, e foi interessante porque as que já lá estavam em cima voltavam para baixo para empurrar os pequeninos a subir. O último momento marcante foi num contexto em que as crianças foram até a um campo cultivado com oliveiras, qual lá chegámos a educadora questionou as crianças se sabiam o que era aquele campo e responderam de imediato que era um olival que dava azeitonas e que quando ia para o lagar dava azeite. Refleti sobre o assunto e considero que as crianças que vivem perto da natureza e da agricultura, têm outros conhecimentos e experiências.

Durante o meu percurso académico tive excelentes oportunidades como por exemplo um estágio de diferentes contextos em São Tomé e Príncipe e uma semana Internacional em Bruxelas no projeto Hanging Out!. Aprendi imenso com estas oportunidade e aproveitei-as ao máximo, no estágio que realizei em São Tomé e Príncipe, foi interessante observar outra cultura e rotinas diferentes das que estamos habituados. No que diz respeito ao ar livre, estas crianças estão muito habituadas a brincar no exterior e a fazer atividades neste ambiente e na praia, têm muita conexão com a natureza e desde pequenos é lhes inculcido o respeito pelos animais, em especial as tartarugas. As atividades e o brincar ao ar livre normalmente é feito de manhã, porque à tarde o calor é muito forte e as crianças brincam dentro da sala.

Durante a semana do projeto Hanging Out, aprendi imenso sobre o brincar ao ar livre, tive a oportunidade de observar a rotina e o estilo de vida dos países do norte da Europa. O estilo de vida que praticam envolve muito a natureza e a sustentabilidade ambiental, por exemplo andam muito de bicicleta, na cidade de Mechelen existe muitos pontos pensados para as crianças, como por exemplo paragens que autocarros só para as crianças, e decorações espalhadas por toda a cidade com histórias tradicionais para crianças e respetivas ilustrações para que seja mais atrativo. No que diz respeito ao brincar ao ar livre, visitámos um jardim de infância em que o recreio só tem elementos naturais e reutilizados como por exemplo um barco de pesca, um hotel para insetos feito de madeira, um tubo em cimento que faz de túnel etc... tudo isto foi construído com ajuda da escola, dos pais e da comunidade, pelo que achei interessante pois o meio está todo envolvido e por vezes não é preciso nada de complexo para as crianças brincarem, até porque as coisas mais simples por vezes são as mais interessantes.

Considero que os estágios que realizei em creche e jardim de infância foi muito importante para mim, pois aprendi muito não só com a parte teórica do meu curso, mas também aprendi muito na parte prática a observar os educadores, auxiliares e crianças.

Quando comecei a intervir cometi alguns erros, mas aceitei sempre as sugestões tanto dos educadores como dos meus professores para os corrigir e ao refletir hoje considero que melhorei esses aspetos. Nas semanas que tinha de observação, tentava absorver do máximo de conteúdo possível para perceber quais os métodos e estratégias que a educadora utilizava bem como os interesses das crianças nas atividades. No que diz respeito na brincadeira e atividades ao ar livre também observei e registei o máximo que consegui, desde a reação delas a brincar entre elas, a reação delas quando os adultos brincam com elas e quando brincam e o adulto interfere.

Como futura educadora, considero que o meu percurso foi muito proveitoso para mim pois aprendi muito com todas as pessoas desta escola, com todos os professores, educadores, crianças e família. Assim termina esta etapa da minha vida académica, sinto-me confiante e cheia de força para a próxima etapa que mais quero, para a minha vida profissional que é ser, educadora!

Referencias bibliográficas

- Abbott, L. (2006). "Brincar é bom!"- Desenvolvendo o brincar em escolas e salas de aula. Em J. Moyles, A excelência do brincar (pp. 94-107). Porto Alegre, Brasil: Artmed.
- Associação de Profissionais de Educação de Infância (2020). Contributo para assegurar a qualidade pedagógica em Educação Pré-Escolar (3-6 anos) em tempo de covid19.
- Bardin. L. (1979). Análise de Conteúdo. Tradução Reto. L., Pinheiro. A. Lisboa: Edições 70
- Bento, G. (2015). Infância e espaços exteriores – perspetivas sociais e educativas na atualidade. Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Investigar em Educação. [Versão eletrónica] II^a Série, n.º 4: 127-140.
- Bilton, H., Bento, G., & Dias, G. (2017). Brincar ao Ar Livre - Oportunidades de desenvolvimento e de aprendizagem fora de portas. Porto: Porto Editora.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (2013). Investigação Qualitativa em Educação. Porto : Porto Editora.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora;
- Botelho, A. (2012). O treino das competências sociais e a aprendizagem numa perspetiva inclusiva. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Brizola, J., & Fantin, N. (2017). Revisão da Literatura e Revisão Sistemática da Literatura. *Revista De Educação Do Vale Do Arinos - Relva*, 3(2).
- Buckingham, D., Carr, D., Burn, A., Willett, R., Banaji, S., & Cranmer, S. (2005). The media literacy of children and young people: A review of the research literature on behalf of ofcom. London: Centre for the Study of Children Youth and Media Institute of Education, University of London.
- Cardoso, T., Alarcão, I., & Celorico, J. A. (2010). Revisão da Literatura e Sistematização do Conhecimento (1st ed.). Porto Editora.
- Carmo, H., & Ferreira, M. (2008). Metodologia da investigação: Guia para Auto Aprendizagem (2ª ed.). Lisboa: Universidade Aberta.
- Chaves, I. (2014). Tecnologia e Infância: Um olhar sobre as brincadeiras das crianças. Universidade Estadual de Maringá.
- Coutinho, C. P. (2018). Metodologia de investigação em ciências sociais humanas: teoria e prática (2.a edição). Almedina.
- Coutinho, M. B. (2019). Natura: ferramentas que promovem o brincar na natureza. Dissertação de Mestrado em Design de Produto, Escola Superior de Artes e Design, Instituto Politécnico de Leiria, Caldas da Rainha
- Dahlman. B. & Artursson. K. (2019) City Gardening and Farms for Learning and Wellbeing. Uppsala Health Summit
- Dias, M. (2019). Crianças e pais a brincar com a tecnologia na cidade: práticas e investigação na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico. (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Educação de Viseu.
- Dowdell, K., Gray, T., & Malone, K. (2011). Nature and its Influence on Children's Outdoor Play. *Australian Journal of Outdoor Education*, 24-35
- Erickson, D. M., & Ernst, J. A. (July/August de 2011). The real benefits of nature play. *NACC NEWSLETTER*, 97-100.
- Ferland, F. (2006). Vamos brincar? Na Infância e ao longo de toda a vida. Lisboa: Climepsi Editores.
- Ferreira, D. (2010). O direito a brincar. *Cadernos de Educação de Infância*, 90, 12-13.
- Figueiredo, C. (2020, novembro 2). COVID-19: o impacto no desenvolvimento infantil. CUF. <https://www.cuf.pt/mais-saude/covid-19-o-impacto-da-pandemia-no-desenvolvimento-infantil>

- Gomes, M., H. (2014). Os modelos pedagógicos high/scope e do movimento da escola moderna: propostas de pedagogia diferenciada.
- Hohmann, M. & Weikart, D. (2004). Educar a criança (6ª edição). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M., & Weikart, D. P. (2011). Educar a Criança. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Homrich, L. (org.) (2013). Aprendizagem Motora. Cadernos de referência de exporte. Brasília: Fundação Vale/Representação da UNESCO no Brasil.
- Huggins, V. & Wickett, K. (2011). Crawling and toddling in the outdoors: very young children's learning. In S. Waite (Ed.), *Children Learning Outside the Classroom* (p. 20-34). London: Sage Publications Ltd.
- Katz, L. & McClellan, D. (2006). O papel do professor no desenvolvimento social das crianças. In J. Formosinho (Org.). *Educação pré-escolar: A construção social da moralidade* (pp. 11-48). Lisboa: Texto Editores.
- L'Ecuyer, C. (2016). Educar na Curiosidade: Como educar num mundo frenético e hipereigente? Lisboa: Planeta
- Liempd, I & Schepers, W. (2010). Relacionar-se com a natureza. *Cadernos de Educação de Infância*, Nº 19, Lisboa: APEI, pp. 4-5
- Little, H., & Wyver, S. (2008). Outdoor Play: does avoiding the risks reduce the benefits?. *Australian Journal of Early Childhood*, 33(2), 33-40.
- Matos, M. (2008, outubro) A educação no sector solidário os projetos educativos a partir da creche. Apresentado em Seminário Nacional, Fátima.
- Melo, I. (2017). O nosso espaço exterior: da ideia à fruição. *Cadernos de educação de Infância*, 110, 22-27.
- Michek, S., Nováková, Z., & Menclová, L. (2015). Advantages and disadvantages of forest kindergarten in Czech Republic. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 171, 738–744
- Miranda, M. & Osório, A. J. (2009). As TIC no Desenvolvimento de Comunidades de 77 Prática e na Formação de Educadores – o Caso da ArcaComum. In P. Dias, A. J. Osório, & A. Ramos (orgs), *O digital e o currículo* (pp. 31-50). Centro de Competência da Universidade do Minho.
- Monteiro, P. (2004). Formação inicial do educador de infância no domínio da expressão motora. Dissertação de Mestrado na Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
- Moss, S. (2012). *Natural Childhood*. National Trust.
- Mustapa, N., Maliki, N., & Hamzah, A. (2015). Repositioning Children's developmental needs in space planning: a review of connection to nature. *Procedia – Social and Behavioral Sciences* 170, 330-339.
- Neto, C. (2020). *Libertem as crianças – A urgência de brincar e ser ativo*
- Organização Mundial de Saúde (2019). Diretrizes da OMS para atividade física e comportamento sedentário: num piscar de olhos. Consultado em 02/01/2021, disponível em <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/337001/9789240014886-por.pdf?sequence=102&isAllowed=y> :
- Pardal, L. & Lopes, E. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal Editores;
- Piaget, Jean (1973). *Le Jugement moral chez l'enfant*. Paris: Presses Universitaires de France
- Pombo, A., Luz, C., de Sá, C., Rodrigues, L. P., & Cordovil, R. (2021). Effects of the covid-19 lockdown on portuguese children's motor competence. *Children*, 8(3), 199. <https://doi.org/10.3390/children8030199>
- Ponte, C., Susana, B., Simões, J. A., & Castro, T. S. (2017). Crescendo entre Ecrãs - uso de meios eletrônicos por crianças (3-8 anos).
- Rosa, S. S. (1998). *Brincar, conhecer, ensinar*. São Paulo: Cortez.
- Scotland, E. (2010). *Pre-Birth to Three: Positive Outcomes for Scotland's Children and Families*. National Guidance.

- Seixas, E.; Lopes, J.; Melo, B.; Rodrigues, J.; Ferro, L.; Giacchetta, N.; Gonzalez, S. & Seixas, P. (2020). Crianças na Cidade em Tempos de COVID-19: Reflexões a Partir da Investigação em Espaços Públicos no Porto e em Lisboa, Vol.6. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/18320.pdf>
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Lisboa, Portugal: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE)
- Souza, J. (2019). Brincar em tempos de tecnologias digitais moveis. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Paim, M. (2005). Desenvolvimento Motor de crianças no pré-escolar entre 5 e 6 anos. In: Revista Digital – Buenos Aires, Nº 58 - Março de 2003
- Post, J. & Hohmann, M. (2011). Educação de bebés em infantários – cuidados e primeiras aprendizagens (4ª ed). Fundação Calouste Gulbenkian
- Solé, M. de B. (1980). O jogo Infantil. Lisboa: Instituto de Apoio à criança.
- Tovey, H. (2007). Playing Outdoors. Spaces and places, risk and challenges. Maidenhead: Open University Press, McGraw-Hill Education.
- Vygotsky. Cadernos de Educação de Infância, Nº 90, Lisboa: APEI, pp. 8-10

Legislação

Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto. D.R. I Serie-A, pp. 5572-5575. Aprova os perfis específicos de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1.º ciclo do ensino básico. Disponível em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/dl241_01.pdf. Consultado a 12 de novembro de 2021.